

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA FRANCESA

TERESA RAISSA MORAIS DE FREITAS

TRADIÇÃO AUTOBIOGRÁFICA CRISTÃ E METÁFORAS LITERÁRIAS NA
ESCRITA DE SANTA TERESA DE LISIEUX

JOÃO PESSOA

2017

TERESA RAISSA MORAIS DE FREITAS

TRADIÇÃO AUTOBIOGRÁFICA CRISTÃ E METÁFORAS LITERÁRIAS NA
ESCRITA DE SANTA TERESA DE LISIEUX

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura
em Letras – Língua Francesa da Universidade
Federal da Paraíba (UFPB).

Orientador: Prof. Dr. José Alexandrino de Souza
Filho

João Pessoa

2017

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal da Paraíba.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Freitas, Teresa Raissa Morais de

Tradição autobiográfica cristã e metáforas literárias na escrita de Santa Teresa de Lisieux / Teresa Raissa Morais de Freitas.-João Pessoa, 2017.

50f.

Monografia (Graduação em Letras / Língua Francesa) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientador: Prof. Dr. José Alexandrino de Souza Filho.

1. Escrita autobiográfica. 2. Metáforas literárias. 3. Doutrina mística. 4. Santa Teresa de Lisieux. I. Título

BSE - CCHLA

CDU 811.133.1

TRADIÇÃO AUTOBIOGRÁFICA CRISTÃ E METÁFORAS LITERÁRIAS NA
ESCRITA DE SANTA TERESA DE LISIEUX

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Francesa da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Data de aprovação: ____/____/____

Banca examinadora

Prof. Dr. José Alexandrino de Souza Filho (DLEM/ CCHLA/UFPB)

Orientador

Prof. Dr. Fabrício Possebon (PGCR/CE/UFPB)

Examinador

Prof. Dr. José Roberto Andrade Féres (DLEM/CCHLA/UFPB)

Examinador

Prof^a. Dra^a. Aglaé Fernandes (DLEM, CCHLA, UFPB)

Suplente

*« 'Vivre d'amour, quelle étrange folie'
Me dit le monde, 'Ah! cessez de chanter,
Ne perdez pas vos parfums, votre vie,
Utilement sachez les employer!...'
T'aimer, Jésus, quelle perte féconde!...
Tous mes parfums sont à toi sans retour,
Je veux chanter en sortant de ce monde:
'Je meurs d'Amour!' »¹*

Santa Teresa de Lisieux

¹ Viver de amor, que estranha loucura/diz-me o mundo, 'Ah! parai de cantar/ Não percais vossos perfumes, vossa vida/Utilmente saídes empregá-los!.../Amar-te, Jesus, que perda fecunda!.../Todos os meus perfumes são para ti sem volta/Eu quero cantar saindo deste mundo:/morro de Amor! (tradução nossa).

AGRADECIMENTOS

A esta Universidade, aos professores que fazem parte da banca examinadora, aos professores do curso de Letras, em especial aos de língua francesa, por terem partilhado seus conhecimentos e experiências comigo, pelas aulas de francês, enfim, por escolherem exercer esta profissão que tanto admiro!

Agradeço de modo especial ao professor Alexandrino, pela sua atenção despendida ao meu trabalho, por ter muito bem observado coisas que eu na minha inexperiência não pude ver, bem como por acolher as minhas ideias e inspirações sem julgamentos!

Agradeço também aos meus familiares, especialmente aos meus pais, Jane e Antonio, por terem doado suas vidas um ao outro, por terem se empenhado em construir uma família, por me ensinar que os maiores bens que podemos ter na vida são o amor e o conhecimento!

Aos amigos do início do curso, aos que concluíram e aos que desistiram, pelo bom humor que fez tornar leve a caminhada, pelos seminários em grupo; e à amiga que está concluindo junto comigo este curso, pelo incentivo, pelos conhecimentos, informações e pela ajuda desinteressada!

Ao meu bom Deus, à Virgem Maria, a todos os anjos e Santos que não cessam de interceder por mim...

À Santa Teresinha, pelo registro de sua história em uma obra, por sua escrita cativante.

RESUMO

A escrita autobiográfica faz parte da tradição literária do Cristianismo, desde pelo menos Santo Agostinho, no século V. O objetivo deste trabalho é inserir a autobiografia *História de uma alma*, de Santa Teresa de Lisieux, nessa tradição, que inclui outros nomes conhecidos, como Santa Teresa de Ávila. Seleccionamos alguns momentos importantes do passado da autora para melhor compreender sua história pessoal, porém privilegiamos a dimensão literária do texto da religiosa francesa, razão pela qual tentamos fazer um levantamento sumário das principais metáforas literárias que percorrem a obra e lhe dão riqueza imagética e beleza estilística, sem esquecer, porém, de dedicar algumas reflexões à doutrina da santa, pois ela está intrinsecamente relacionada à dimensão literária dessa escrita autobiográfica.

Palavras-chave: Santa Teresa de Lisieux, escrita autobiográfica, metáforas literárias, doutrina mística.

RÉSUMÉ

L'écriture autobiographique fait partie de la tradition littéraire du Christianisme, depuis au moins Saint Augustin, au cinquième siècle. Le but de cette étude est d'insérer l'autobiographie *Histoire d'une âme*, de Sainte Thérèse de Lisieux, dans cette tradition, qui inclut d'autres noms bien connus, tels que Sainte Thérèse d'Avila. Nous avons sélectionné quelques moments importants du passé de l'auteur afin de mieux comprendre son histoire personnelle, pourtant nous avons privilégié la dimension littéraire du texte de la religieuse française, c'est pourquoi nous avons essayé de donner un aperçu des principales métaphores littéraires qui traversent l'oeuvre et qui lui donnent sa richesse imagétique et sa beauté stylistique, sans oublier, cependant, de consacrer quelques réflexions à la doctrine de la sainte, parce qu'elle est intrinsèquement liée à la dimension littéraire de cette écriture autobiographique.

Mots-clés: Sainte Thérèse de Lisieux, écriture autobiographique, métaphores littéraires, doctrine mystique.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEXTO AUTOBIOGRÁFICO	10
2. <i>CONFISSÕES</i> , DE SANTO AGOSTINHO	12
3. <i>LIVRO DA VIDA</i> , DE SANTA TERESA DE ÁVILA (SANTA TERESA DE JESUS).....	17
4. <i>HISTÓRIA DE UMA ALMA</i> , DE SANTA TERESA DE LISIEUX (SANTA TERESA DO MENINO JESUS).....	22
5. TERESA DE LISIEUX – RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS	26
5.1 Louis - O seu Rei	27
5.2 Paulina - Duas vezes mãe	30
5.3 Maria - O oráculo	31
5.4 Celina - A irmã inseparável	32
6. O AMOR COMO VOCAÇÃO E A DOCTRINA DA “PEQUENA VIA”	33
7. SÃO JOÃO DA CRUZ.....	35
8. METÁFORAS LITERÁRIAS.....	36
8.1 As origens do nome religioso e suas possíveis representações	36
8.2 A pequena flor – Uma “reliquia” entregue pelo pai.....	37
8.3 A pequena bola – Presente das irmãs.....	38
8.4 O pequeno pincel – Usado para os detalhes	40
8.5 O elevador e a criança – Explicação da “pequena via”	43
8.6 A águia e o passarinho - A história de um ser frágil	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo consiste, num primeiro momento, em inserir a escrita autobiográfica de Santa Teresa de Lisieux na tradição literária cristã, retrocedendo aos seus primórdios e privilegiando alguns nomes significativos desse percurso. Em outros momentos, procuraremos analisar a *História de uma alma*, a partir da dimensão literária do texto, através do levantamento de algumas das metáforas recorrentes nele. A escolha surgiu de uma admiração pela obra enquanto “literatura do eu”, pela forma como a autora lança um olhar reconciliado com sua história, bem como pela mensagem de amor e paz que ela transmite. Entre tantos objetos de estudo que poderiam ser abordados, pelo leque de discussões literárias que poderiam surgir a partir dela, foi a sua história pessoal, representada através de metáforas, enquanto meio de expressão de sua doutrina mística, que nos chamou mais a atenção.

As metáforas estão na origem da comunicação humana, perpassam a escrita e a linguagem oral, traduzem o invisível e o não palpável, e por isso são sempre necessárias. No estudo do que é invisível, isto é, na mística, o autor precisa traduzir seus pensamentos, pois para pensar é preciso palavras, ainda que essas não sejam usadas no sentido literal, sendo nesse caso uma representação metafórica. É importante lembrar que o místico não necessariamente é aquele que tem visões sobrenaturais, mas antes aquele que busca a compreensão do invisível e o traduz para a vida prática e cotidiana. Como exemplo disso, ao longo da história, temos visto alguns que tiveram grande notoriedade em suas ações, como Santo Agostinho, São Francisco de Assis, Teresa de Ávila, São João da Cruz, Madre Teresa de Calcutá, entre outros. Através dessas personalidades, vemos que o místico é aquele que procura agir para que o mundo seja melhor, para a transformação da sociedade e, no caso do místico cristão, a procura de uma melhor compreensão dos mistérios da vida, através da contemplação mística, renova a ação que fundamenta a existência do cristianismo até os dias atuais. Sendo assim, tendo como princípio viver o amor e a compaixão para com os outros, ele não é um ser que vive centralizado em si mesmo, buscando um contato com o mundo sobrenatural. Embora nosso estudo trate de místicos cristãos, faz-se necessário dizer que a figura do místico não é exclusividade do cristianismo: ela pode estar presente na vida de qualquer pessoa, independentemente de religião ou crença, visto que é próprio do ser humano buscar uma explicação para aquilo que a ciência ou a razão não podem explicar, bem como contribuir para a transformação dos outros, de acordo com o que ele acredita, seus valores e motivações.

Elaboramos duas questões para melhor conduzir a leitura do texto:

1) Como a autora construiu metáforas literárias a partir de eventos do passado?

2) Quais metáforas podem nos remeter ao conceito de “ser pequeno”, presente em sua doutrina?

Para isso, faremos a pesquisa na obra *História de uma alma*, segundo a edição crítica de Conrad de Meester¹, que consultou os manuscritos da autora. Por um lado, nos servimos de estudos que apontam o conceito de autobiografia elaborado por GUSDORF, mostrando as diferentes nuances de um texto autobiográfico; por outro, focamos nos aspectos literários da obra. Não é nosso objetivo discutir a veracidade dos fatos existentes na obra nem apresentar um estudo histórico ou cultural da época, a partir dessa história ou dessa escrita. Como princípio de estudo, utilizaremos a máxima de PASCAL, que nos seus *Pensamentos (Pensées)* diz que num jogo de tênis os dois jogadores jogam com uma mesma bola, no entanto um deles a coloca melhor. (PASCAL, p.8, 1897)².

Dito isto, ele sugere a ideia segundo a qual uma mesma coisa pode ser dita de formas diferentes; sendo tratada por pessoas diferentes, ela será igualmente escrita de diferentes maneiras. Semelhantemente ao que ocorre com filósofos e escritores, acontece com os doutores da Igreja, quando criam novas interpretações para o que já foi dito. Eles não criam novas doutrinas, a partir de sua mística, as quais não possam existir em concomitância com aquilo que já foi dito, mas antes podem vir a dizer a mesma coisa de outra maneira. Partindo dessa concepção, nos voltaremos para a forma da escrita textual, mais especificamente para as metáforas literárias utilizadas, levando em conta o conteúdo da doutrina mística da autora, a fim de entendê-las. Levamos também em conta que o que ela diz não é completamente original, mas se apresenta de modo novo e pessoal.

Também neste trabalho destacaremos alguns místicos cristãos que praticaram a escrita autobiográfica, como Santo Agostinho e Santa Teresa de Ávila. Em seguida, trataremos da doutrina mística de Teresa de Lisieux, bem como da de São João da Cruz,

¹ TERESA DE LISIEUX. *História de uma alma*. Tradução por Jaime A. Clasen. Nova edição crítica por Conrad de Meester. 4. ed., São Paulo: Paulinas, 2011.

² «*Qu'on ne dise pas que je n'ai rien dit de nouveau: la disposition des matières est nouvelle ; quand on joue à la paume, c'est une même balle dont joue l'un et l'autre, mais l'un la place mieux*» (PASCAL, p.8, 1897).

porque esta fazia parte das leituras da autora e serviu-lhe como fonte de inspiração. Trataremos de resumir os episódios mais importantes da vida da autora, segundo sua autobiografia, destacando a importância que teve sua família em certos eventos; conforme já dissemos anteriormente, faremos um levantamento das metáforas por ela utilizadas, evidenciando nelas traços da doutrina teresiana da *pequena via*, sua mais notória contribuição ao pensamento teológico cristão.

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEXTO AUTOBIOGRÁFICO

Como o próprio nome já diz, escrever uma autobiografia consiste no ato de o autor narrar a própria vida. Segundo Lejeune (1975)³ nesse tipo de texto, há uma relação de identificação entre o autor, o narrador e o personagem. Poderíamos ampliar essa definição à literatura íntima, em se tratando de textos como diários, memórias, cartas, etc.

Sobre a origem do termo, diz Moisés (2004, p.46) ter surgido por volta de 1800, num artigo de Robert Southey, entretanto ele ressalta que esse tipo de escrita vem dos primeiros séculos do Cristianismo, mais especificamente desde a escrita de *Confissões* de Santo Agostinho.

O surgimento do vocábulo, bem como a definição do mesmo enquanto gênero literário, não parece ter seus limites bem delineados segundo a autora Brigitte Monique Hervot, que em seu artigo intitulado *Georges Gusdorf e a autobiografia*⁴, apontando o pensamento do filósofo Gusdorf sobre a temática em questão, constata a existência de divergências entre os autores:

Conforme Gusdorf, a aparição do termo teria se dado em 1798, em língua alemã, na obra de Frédéric Schlegel. Em contrapartida, para Georges May, o termo teria surgido sob a forma inglesa ‘autobiography’, em um artigo do poeta inglês Robert Southey em 1809. Se, a respeito da origem do termo, já se encontram dificuldades para se chegar a um consenso, mais controversa ainda é a questão do gênero [...]. Georges Gusdorf, embora utilize a denominação de gênero, prefere chamar as várias formas de literatura íntima de “escritas do eu”, porque acredita serem elas epifanias do ser individual que não se excluem, mas que podem se complementar, e assim possibilitar a um autor – que escreve a história de sua vida – o uso de mais de uma delas (HERVOT, 2013, p.101).

³ «Avec le nom de l'auteur, on dispose d'un critère textuel général, l'identité du nom (auteur-narrateur-personnage). Le pacte autobiographique, c'est l'affirmation dans le texte de cette identité» (LEJEUNE, 1975, p.26).

⁴ HERVOT, Brigitte Monique. ‘Georges Gusdorf e a autobiografia’. *Lettres Francaises*, v. 14, n. 1, p. 95-110, 2013.

Alguns autores procuram definir o que é autobiografia seguindo alguns critérios, porém trataremos da relevância das “escritas do eu”, seguindo o estudo sobre Gusdorf, visto que essa formulação nos parece mais adequada e abrangente. Na tradição cristã, dentro da qual se insere nosso objeto de estudo, há uma recorrente literatura das “escritas do eu”. Baseando-se ainda em Gusdorf, é possível dizer que uma dessas obras foi de suma importância para a construção do gênero autobiográfico:

Para ilustrar melhor essa tradição das confissões escritas pelos padres católicos, o filósofo destaca entre outros o nome de Santo Agostinho e afirma que esse é o modelo de um pensamento de investigação introspectiva cujo caráter religioso não influencia positiva ou negativamente a exploração do espaço interno. Assim, para ele, o que é importante nessas experiências confessionais, não é o seu valor religioso, mas sim seu valor de instrumento de análise psicológica, eficaz e fecundo. Acrescentaríamos que Santo Agostinho foi um dos primeiros a focar temas centrais para a compreensão das escritas do eu, já que introduz em sua obra vários temas, tais quais: a discussão do valor ontológico da memória, a espacialidade dessa como receptáculo do eu, a noção do tríplice presente – um tempo não linear, nem compartimentado, que mescla o passado, o presente e o futuro –, e a não separação do tempo da interioridade psíquica (HERVOT, 2013, p. 98).

Nesse contexto, a autora que apresenta a concepção de Gusdorf a respeito do tema, trata da importância de *Confissões* de Santo Agostinho para as “escritas do eu”, sendo esta última uma obra de referência por ter sido uma das primeiras a abordar a temática, bem como a agregar aspectos psicológicos e literários à narrativa. Quanto ao gênero, além da temática do eu, outras características podem ser apontadas, quando se trata de autobiografia: o tempo e a veracidade dos fatos.

A respeito dessa questão, ela afirma que Gusdorf entende o texto autobiográfico da seguinte maneira:

Nesse sentido, o passado não é uma matéria estática que existe em si e por si, mas uma “matéria plástica” que é remodelada segundo a percepção e os impulsos daquele que dela se serve para contar a história de sua vida. Não se pode falar de dados concretos e objetivos a respeito dessa matéria. Gusdorf não contesta o fato de que uma determinada situação vivida não contenha referências históricas e geográficas e traços específicos, porém, para ele, é o sujeito que interpreta esses elementos a partir de seus sentimentos e de sua subjetividade no momento no qual escreve (*idem*, p.106).

Uma das questões levantadas em descrédito aos relatos autobiográficos é, segundo Moisés (2004, p. 46), as possíveis distorções causadas pelo narrador. Para Gusdorf, segundo a autora anteriormente citada, os problemas decorrentes em “narrativas do eu”, não seriam, na verdade, relevantes, visto que:

A premissa principal de Gusdorf acerca desse tema é a de que a verdade reside não nos fatos, mas sim na vida interior do homem. Entende que a autobiografia não precisa seguir a ordem cronológica da vida externa, mas sim buscar o sentido da vida interna. Por exemplo, para ele, pouco importa se Rousseau mentiu, esqueceu ou escondeu algo, já que a verdade autêntica é a dos sentimentos que perpassa pela linguagem poética [...] Assim, aquele que redige, ao manifestar a visão pessoal de seu ser íntimo, efetua uma recomposição de sua individualidade, modificando seu estatuto existencial, sem contudo escapar de certas discrepâncias ou de inconsistências que acabam por revelar mais sobre as intenções profundas da interioridade. (HERVOT, 2013, p.102).

Gusdorf se serve do exemplo de Santo Agostinho, para falar de certo processo de ressignificação do passado observável em “narrativas do eu”, consciente ou inconscientemente:

O crítico esclarece ainda que, na volta ao tempo dada pelo autobiógrafo, incide sempre o seu ser presente, citando como exemplo o caso de Santo Agostinho. Adulto, já consagrado bispo de Hipona, Agostinho se lembra de sua juventude não como uma época prazerosa, mas sim de concupiscência, porque, enquanto representante da Igreja, possui uma moral que condena a vivência passada. Fato que acarreta, para o indivíduo, a possibilidade de retratar positiva ou negativamente sua vida, sob a luz nova do presente” (*idem*, p.106).

Em suma, o processo de escrita autobiográfica permite diferentes possibilidades ao autor, visto que, além da veracidade dos fatos, exige um processo psicológico de recordação, ao mesmo tempo em que permite a ressignificação dos acontecimentos de sua vida. Porém, se olharmos pela perspectiva de quem escreve, trata-se primordialmente de um processo de autoconhecimento, ou seja: “a linguagem torna-se o meio para a autodescoberta e a autocriação, o caminho para combater as trevas e preencher o vazio, e para encontrar o que realmente está lá” (LIFSON *apud* MOISÉS, 2004, p.67).

Por isso, iremos oportunamente apresentar alguns episódios da biografia da autora por ela evocados, a fim de compreendermos tanto sua doutrina quanto a dimensão literária de sua “escrita do eu”. Nos deteremos em alguns recursos literários utilizados pela autora, mais especificamente algumas metáforas dentre as que consideramos as mais expressivas. Inicialmente, porém, discorreremos brevemente sobre alguns autores que fazem parte da tradição cristã de escrita autobiográfica, tais como Santo Agostinho, referência incontornável na constituição deste gênero literário, além de Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz, outras fontes de inspiração para a nossa autora, através de suas leituras.

2. CONFISSÕES, DE SANTO AGOSTINHO

“Não sei se me engano, mas me parece que a efusão de nossas almas assemelhava-se a de Sta. Mônica com seu filho, quando, no porto de Óstia, ficaram perdidos no êxtase à vista das maravilhas do Criador...!” (LISIEUX, 2011, p. 131).

Aurélio Agostinho (354-430) nasceu em 14 de novembro em Tagaste, filho de Mônica, uma mulher cristã, e Patrício. A retórica era a maneira de atingir grandes lucros na época, por isso o pai de Agostinho o incentivou nesse caminho. Em Cartago, capital da África romana, estudou retórica, dialética, geometria, música e matemática. Em 372, teve um filho chamado Adeodato. Foi expulso de casa por sua mãe, por ser acusado de libertinagem; nesse tempo, conheceu a doutrina dos maniqueístas e depois o neoplatonismo. Em 387, lhe é administrado o batismo na Igreja Católica e, em 388, fundou sua comunidade de oração e contemplação, em Tagaste. Em 391, foi para Hipona, onde se tornou bispo, quatro anos depois. Em Hipona, escreveu vários tipos de escritos: dogmáticos, morais, exegéticos, pastorais etc. Morreu em 430, aos setenta e seis anos de idade. Na sua obra *Retractationes* enumera quantas obras escreveu: “noventa e três tratados, em duzentos e trinta e dois livros; acrescentem-se a estes cerca de quinhentos sermões e duzentas e dezessete cartas.” (SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 10). Quanto à sua obra que tem um conteúdo autobiográfico: “As *Confissões* foram escritas provavelmente entre 397 e 398. Contém uma parte autobiográfica (os livros I a IX) com acusação de culpas e também agradecimento a Deus” (*idem*, p.10).

Em grande parte das *Confissões*, tendo já se convertido, Agostinho dirige-se a Deus em suas reflexões. Nas páginas iniciais da obra, ele descreve suas descobertas sobre a identidade de Deus. Em seguida, antes de iniciar seu relato, ele diz: “Deixa, no entanto, que eu fale diante de tua misericórdia, eu que ‘sou pó e cinza’; deixa-me falar, já que à tua misericórdia me dirijo, e não a um homem pronto a escarnecer de mim. Talvez tu também te rias de mim. Mas se olhares para mim, terás misericórdia” (*idem*, p. 20). Em seguida começa a refletir sobre a infância, de maneira geral, pois da sua não lembra com clareza. Inicia propriamente suas memórias a partir do início de seus estudos, recordando como sofria com os castigos dos educadores. Ele diz no seu relato: “ainda menino comecei a dirigir-me a ti, como a ‘meu rochedo e meu refúgio’; rompiam-se em mim os nós da língua, ao invocar-te; era pequeno ainda, mas era grande o fervor com que eu te implorava para que me evitasse os castigos na escola” (*idem*, p. 27); por outro lado, querendo que transparecesse seu erro, ele diz: “Eu pecava, Senhor Deus meu, agindo contra as disposições dos pais e dos mestres, pois podia no futuro fazer bom uso desses

conhecimentos” (SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 28-29). Agostinho fala também sobre sua dificuldade de aprender grego, através de Homero, e compara isso com a facilidade que teve em aprender latim, em meio aos cuidados e carinho das amas. Concluindo o seu raciocínio, ele diz o que hoje ainda é consenso em diferentes métodos de ensino: “Por aí se conclui, com bastante clareza, que para aprender é mais eficaz a livre curiosidade do que um constrangimento ameaçador” (*idem*, p.35). Desse passado, ele reflete ainda sobre o conteúdo do que aprendia movido pelos seus ideais presentes. Ele faz a seguinte reflexão a respeito de seus estudos:

Desse modo, se um daqueles que conhecem e ensinam as antigas convenções gramaticais as transgride, pronunciando a palavra *homo* sem aspirar a primeira sílaba, desagrada aos homens, mais do que se ele contrariar os teus mandamentos, odiando ao *homem* que é seu semelhante (*idem*, p. 39).

Agostinho se dedicou aos estudos durante grande parte da sua vida, entretanto revelou que, no passado, tinha deles uma concepção diferente, bem como outros objetivos. De acordo com sua vivência, mostra o bem que há neles e nele também aponta erros. Reprova sobretudo as atitudes que faziam com que ele se preocupasse com o prestígio advindo dos estudos, com a admiração recebida dos outros, afirmando que sua inteligência era esbanjada em frivolidades. Sobre isso ele diz:

Todavia, éramos obrigados a nos desencaminhar e seguir as fantasias poéticas, e a dizermos em prosa o que o poeta cantara em versos. Receberia maiores elogios o aluno que exprimisse com mais força e maior verossimilhança os sentimentos de ira e dor mais adequados ao nível da personagem representada, e que soubesse revestir as frases com as palavras mais apropriadas. De que me servia tudo isso, ó Deus meu, vida verdadeira? Para ter aplausos às minhas declamações na presença de tantos conterrâneos e colegas meus! Não foi tudo vento e fumaça? Não havia outra maneira de exercitar minha inteligência e minha língua? (*idem*, p. 38).

Finalmente, Agostinho se repreende por tais atitudes de seu passado, no qual mostra-se envolvido num contexto onde eram realmente as honrarias recebidas o que mais importava. Outro aspecto de destaque em sua vida, além dos estudos, foram as paixões que ele relata ter tido, a partir da adolescência. Ele diz:

Desde a adolescência, ardi em desejos de me satisfazer em coisas baixas, ousando entregar-me como animal a vários e tenebrosos amores! Desgastou-se a beleza da minha alma e apodreci aos teus olhos, enquanto eu agradava a mim mesmo e procurava ser agradável aos homens (*idem*, p. 45).

Praticamente convertido, os amores ainda foram grandes obstáculos à total adesão de Agostinho à vida religiosa. Ele conta que durante a juventude recebia conselhos da mãe, Mônica. Já o pai, segundo ele, alimentava ambições vãs a seu respeito. Ele diz: “Ela queria que eu evitasse a luxúria (ainda tenho dentro de mim a lembrança de suas solícitas recomendações), e sobretudo que não cometesse adultério com a esposa de quem quer que fosse” (SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 49). Escrevendo especialmente sobre sua mãe, no último capítulo, ele relata um momento vivido juntos, cerca de cinco dias antes da morte de Mônica. Ele diz:

No entanto, Senhor, tu sabes como nesse dia, durante esse colóquio, o mundo, com todos os seus prazeres, perdia para nós todo valor, e minha mãe me disse: ‘Meu filho, nada mais me atrai nessa vida; não sei o que estou ainda fazendo aqui, nem por que estou ainda aqui. [...] Por um só motivo eu desejava prolongar a vida nesta terra: ver-te católico antes de eu morrer. Deus me satisfez amplamente, porque te vejo desprezar a felicidade terrena para servi-lo. Por isso, o que é que estou fazendo aqui?’ (*idem*, p 253).

Estando Agostinho já convertido, a morte da mãe finalizou a parte autobiográfica das *Confissões*. No entanto, ao longo do texto, é relatada uma série de acontecimentos que o levaram a tal momento. Desde amigos que foram importantes, às doutrinas que aderiu e depois recusou. Entre tantas incertezas e numa incessante busca pela verdade, Agostinho se debruça na descoberta do que é o mal. Depois de discorrer sobre suas hipóteses antigas, eis a conclusão a que chega:

Vi claramente que as coisas corruptíveis são boas. Não se poderiam corromper se fossem sumamente boas, ou se não fossem boas. Se fossem absolutamente boas, não seriam corruptíveis. E se não fossem boas, nada haveria a corromper. A corrupção de fato é um mal, porém não seria nociva se não diminuísse um bem real. (*idem*, p. 187).

Nesse tempo de descoberta, Agostinho havia conhecido os neoplatônicos, e escreve sobre coisas importantes que lera. O que ele destaca é que mesmo não tendo aderido a essa doutrina, esses escritos finalmente o levaram a buscar a verdade no íntimo de seu coração. Ele diz:

Instigado por esses escritos a retornar a mim mesmo, entrei no íntimo do meu coração sob tua guia, e o consegui, porque tu te fizeste meu auxílio. Entrei e, com os olhos da alma, acima destes meus olhos e acima de minha própria inteligência, vi uma luz imutável. (*idem*, p. 186).

A partir daí, ele conta como rejeitou também a doutrina maniqueísta, bem como sua gradual ascensão em direção à descoberta de Deus. Agostinho diz o que acontecia durante esse processo:

Eu tagarelava como se fosse competente, mas, se não tivesse procurado o teu caminho em Cristo nosso Salvador, não teria sido perito e sim teria perecido. Interiormente cheio do meu castigo, comecei a desejar que me considerassem um sábio. Eu não chorava: ao contrário, estava orgulhoso da minha ciência. Onde estava aquela caridade que edifica quando fundada sobre a humildade, isto é, sobre Jesus Cristo? (SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 195).

Vivendo ainda a incompreensão, ele conta que começou a ler as Cartas de Paulo e diz que sentiu uma mudança entre as novas leituras e as antigas: “tudo o que de verdade tinha encontrado nos livros platônicos aqui é dito com a garantia de tua graça, para que não se ensoberbeça quem consegue ver, como se não tivesse recebido, não só aquilo que vê, mas até a própria faculdade de ver” (*idem*, p. 197). Alimentando-se dessas leituras, ele procura então, nessa época, um sábio chamado Simpliciano. Este lhe descreve a conversão de Vitorino, de quem Agostinho tinha lido alguns livros de filósofos platônicos por ele traduzidos. Essa história o inspira e lhe dá o desejo de imitá-lo, mas Agostinho hesitou e foi só a partir do conhecimento e admiração pela vida monástica que tomou a decisão. Ele conta que sua vontade de viver no mundo ainda o fazia pensar: “Ficava preso às mais insignificantes bagatelas, às vaidades das vaidades, minhas velhas amigas que me solicitavam a natureza carnal, murmurando: ‘Tu nos vais abandonar?’ E também: ‘De agora em diante, nunca mais estaremos contigo’” (*idem*, p. 224). Finalmente, foi chegado o momento de sua difícil conversão, ocorrida após o relato de Ponticiano e seu amigo Alípio sobre dois conhecidos que aderiram a esse tipo de vida; somente então, ele toma a decisão. Agostinho relata a forma como aconteceu: “Deixei-me, não sei como, cair debaixo de uma figueira e dei livre curso às lágrimas [...]; li em silêncio o primeiro capítulo no qual caiu o meu olhar: “Não em orgias e bebedeiras, nem na devassidão e libertinagem, nem nas rixas e ciúmes.” (*idem*, p. 227). Agostinho toma então isso para si, decidindo encontrar sua mãe juntamente com Alípio e contar-lhe o que havia ocorrido. Ele conclui o relato da sua conversão da seguinte forma: “De tal forma me converteste a ti, que eu já não procurava esposa, nem esperança alguma terrena, mas permanecia firme naquela fé que tantos anos antes me tinhas mostrado em sonho a minha mãe” (*idem*, p. 228). Finalmente convertido, Agostinho decide aos poucos abandonar seu ofício de retórico, e parte para uma casa de campo com amigos, onde realizou atividades literárias.

Depois ele volta para Milão, deixa o ensino e se batiza juntamente com seu filho Adeodato e seu amigo Alípio.

3. LIVRO DA VIDA, DE SANTA TERESA DE ÁVILA (SANTA TERESA DE JESUS)

“Ó Madre, como os caminhos pelos quais o Senhor conduz as almas são diferentes! Na vida dos Santos, vemos que há muitos que não quiseram deixar nada de si depois da morte, nem a mínima lembrança, o mínimo escrito; há outros ao contrário, como nossa Sta. Teresa, que enriqueceram a Igreja com suas sublimes revelações sem temer revelar os segredos do Rei” (LISIEUX, 2011, p.229).

Teresa de Ahumada, espanhola, nascida em Ávila no ano 1515, foi uma religiosa carmelita, escritora e mística que tornou-se santa e doutora da Igreja Católica. Freira desde o ano de 1536, encontrar-se-ia enquanto mística em 1554, quando leu as *Confissões* de Santo Agostinho (TERESA DE JESUS, 2002, p. 68). Anos mais tarde, Teresa restaurou a ordem do Carmo, com o intuito de que as religiosas dedicassem mais tempo ao recolhimento, observando o silêncio, a clausura e a pobreza, dando início a um novo ramo da ordem Carmelita, as Carmelitas Descalças. Em 1562, foi fundado o primeiro convento, que recebeu o nome de São José de Ávila. Teresa prosseguiu fundando outros conventos até os últimos dias de sua vida, ao mesmo tempo em que escrevia um livro sobre essa experiência, chamado *As fundações*. Escreveu diversas obras, dentre elas: *Livro da vida*, em 1562, que contém sua autobiografia; *Caminho da perfeição*, em 1566, escrito em especial às religiosas do Mosteiro de S. José de Ávila; e *Castelo interior*, escrito em 1577, também dirigido às monjas. Nos três livros, ela deixa ensinamentos de sua doutrina, que consiste em ensinamentos sobre a prática da oração e o recolhimento. O seu último livro, que trata das moradas, consiste num ensinamento sobre o crescimento espiritual por meio da oração, onde a alma é comparada a um castelo com sete moradas, ao final das quais encontra-se Deus e a perfeição da alma. Em sua jornada como reformadora e mestra, Teresa buscou apoio em muitos teólogos da época, dentre eles o Frei João da Cruz, o qual, através de Teresa, também ingressou na ordem e foi o fundador do primeiro convento masculino do ramo, em 1568.

Escrita em 1562, Teresa de Jesus escreve inicialmente em sua autobiografia sobre sua família e a influência dela em sua trajetória, antes de sua profissão religiosa. Olhando para o passado, ela se reconhece como alguém ruim, e assim inicia seu relato: “Não fosse

eu tão ruim, bastaria ter pais virtuosos e tementes a Deus como favor do Senhor para que fosse boa” (TERESA DE JESUS, 2002, p. 27). Comparando com as virtudes de seus pais, que ela diz não ter imitado, e o restante de sua família, ela diz: “Éramos três irmãs e nove irmãos. Pela bondade de Deus, todos se pareciam com os pais na virtude, menos eu, embora fosse a mais querida de meu pai.” (*idem*, p. 28). Ela tinha um irmão com quem se identificava mais; com ele, planejava imitar os santos mártires, indo para a terra dos mouros. Esses planos, segundo ela, decorriam da vontade de desfrutar dos bens do Céu, não tendo ainda um verdadeiro amor por Deus. Com o tempo, ela conta que esse seu sonho arrefeceu, e tendo começado a ler romances de cavalaria, relata que nesse tempo sua vaidade falava mais alto. Começou a se enfeitar, a cuidar das mãos e dos cabelos. Além disso, a companhia de uma prima favoreceu esse seu comportamento, o que desagradou ao seu pai e sua irmã. Após o casamento desta e tendo sua mãe já falecido, ela foi levada para ser educada num mosteiro, onde conheceu certa monja e começou a gostar da companhia dela. Sobre essa companhia, ela diz: “Essa boa companhia foi dissipando os hábitos que a má tinha criado, elevando o meu pensamento no desejo das coisas eternas e reduzindo um pouco a imensa aversão que sentia por ser monja” (*idem*, p. 34). Nessa época, foi acometida de uma grave doença, tendo que voltar para casa. Através de um tio e de bons livros indicados por ele, os quais não lhe agradavam na época, começou a entender sobre as vaidades do mundo e a sentir vontade de tornar-se monja. Nessa época, leu também as Epístolas de São Jerônimo; conta o seu interesse ao pai e isso para ela era quase como contar sua vontade de tornar-se monja. O pai não se agradou da ideia; no entanto, ela não desistiu de seu projeto. Ela diz:

Lia as Epístolas de São Jerônimo, que me animaram a tal ponto que decidi dizê-lo a meu pai. Isso quase equivalia a tomar o hábito, porque, sendo tão briosa, de maneira alguma voltaria atrás, tendo-o declarado. [...] O máximo que ele disse foi que, depois de sua morte, eu faria o que quisesse” (*idem*, p. 36).

Saindo de casa, ela diz que, apesar de seu propósito, a dor que sentiu ao partir poderia ser comparada à dor da morte, mas essa logo se transformou em alegria: “As observâncias da vida religiosa eram um deleite para mim; na verdade, nas vezes em que varria, em horários que antes dedicava a divertimentos e vaidades, me vinha uma estranha felicidade não sei de onde, diante da lembrança de estar livre de tudo aquilo.” (*idem*, p. 37). Apesar dessa boa lembrança, a reflexão que Teresa faz desse tempo é a de que agiu mal por muito tempo, não tendo sido digna de estar naquele estado de vida.

Aparentemente, o motivo desse sentimento estava em suas imperfeições, as quais ela relata ao longo do texto. Quando descobriu a oração, ela conta que, já no convento, adoeceu e teve de sair de lá para a casa da sua irmã; seu tio, que morava no caminho da casa, deu-lhe um livro ensinando a “Oração de Recolhimento”. Ela começa então, a partir de seu exemplo pessoal, a dar suas primeiras lições a respeito da oração, assunto que desenvolveu com intensidade em suas obras. Conta que começou a partir das leituras, porque não tinha facilidade de imaginar e refletir. Ela diz: “Não recebi de Deus o dom de orar discursivamente nem de aproveitar a imaginação – é tão fraca a minha que, mesmo para pensar e representar para mim, como tentava fazer, a humanidade do Senhor, nunca consegui” (TERESA DE JESUS, 2002, p. 40). Nesta fase, ela conta também como sofria por algumas coisas, como, por exemplo, quando sentia-se desprezada ou descontente. Ela diz que gostava dos costumes religiosos, mas não tolerava esses sofrimentos e suas imperfeições, e até chorava. Ela relata também o quanto invejava a paciência de uma monja doente, e desejava também passar por isso, para ser paciente, apesar de ver o quanto as outras monjas temiam isso. Aconteceu que, dois anos depois, também se encontrava extremamente doente. No lugar onde foi tratar-se, havia um confessor mais instruído que os anteriores que a atendiam, entretanto era um homem que levava uma vida incoerente com seu estado de vida religiosa, havia perdido a honra no local, por ter amizade com uma mulher. A aproximação que mantinha com esse sacerdote era com o propósito de falar de Deus; no entanto, diz que correu perigos, por não ter terminado essa amizade. Nessa etapa do texto, ela expõe o que lhe sucedeu com confessores menos letrados. Ela diz: “O que era pecado venial, eles me diziam não ser pecado; o que era pecado mortal gravíssimo, diziam que era venial. Isso me fez tanto mal que é preciso dizê-lo aqui, para alertar outras pessoas sobre os danos que isso traz” (*idem*, p. 43). Seguindo com o relato, ela volta a falar de sua doença, sobre a maneira como sofreu nesse local, por três meses. Ela diz: “Diante disso, meu pai voltou a me levar aos médicos; todos me enganaram, dizendo que, além de todos os males, eu estava tuberculosa. Isso não me incomodava muito; o que me fatigavam eram as dores, porque eram contínuas e dos pés à cabeça” (*idem*, p. 45). Apesar de sofrer, ela conta que sua paciência cresceu, em parte graças a um livro que leu de São Gregório, *Morália*. No desfecho dessa doença, Teresa passou por quatro dias de paroxismo, quando recobrou a consciência. Sobre isso ela diz: “Há um dia e meio a sepultura estava aberta do meu mosteiro à espera do corpo, e já tinham sido feitas as exéquias num convento de frades fora da cidade, quando o Senhor quis que eu recuperasse os sentidos” (*idem*, p. 46). Após recobrar a consciência,

e embora ainda muito doente, ela diz que voltou ao seu mosteiro, e por estar com a saúde bem debilitada, foi nessa época que voltou-se a São José, encomendando-lhe orações, e foi de quem o primeiro convento fundado por ela recebeu o nome. Ela diz:

Comecei a mandar celebrar missas e a fazer orações aprovadas, pois nunca fui amiga de outras devoções praticadas por certas pessoas, mulheres em especial, com cerimônias que, parecendo-me insuportáveis, lhes causavam devoção; depois entendi que não convinham, que eram supersticiosas. Assim, tomei por advogado e senhor o glorioso São José, encomendando-me muito a ele.[...]. Espantam-me muito os grandes favores que Deus me concedeu através desse bem-aventurado Santo, e os perigos, tanto do corpo como da alma de que me livrou (TERESA DE JESUS, 2002, p. 49).

Após isso, estando curada, conta que tentou persuadir a todos a serem devotos desse santo. Em seu texto, ela diz por que motivos o considera um grande santo e recomenda que as pessoas peçam a interseção dele. No entanto, ela conta que fazia isso na época “mais por vaidade do que por espírito” (*idem*, p. 50). Apesar do seu entusiasmo e da admiração de todos por sua cura, prosseguindo esse relato, ela trata de seu afastamento da vida de oração, e juntamente com isso, como após esse tempo voltou a cair nas vaidades. Também tratará do problema dos mosteiros abertos, que foi vivenciado por ela. E diz:

A meu ver, causou-me grande prejuízo não estar num mosteiro enclausurado. Porque a liberdade que as que eram boas podiam ter sem culpa (porque não lhes era exigido mais, já que não prometiam clausura) a mim, que sou ruim, por certo teria levado ao inferno se eu não tivesse sido libertada desse risco por tantos meios, remédios e dons particulares do Senhor. Por isso, considero muito perigosos mosteiros de mulheres com liberdade. Eles se tornam portas abertas para que as que quiserem ser ruins tomem o caminho do inferno, em vez de remédio para suas fraquezas (*idem*, p. 53).

Enfim, Teresa faz um apelo dirigindo-se às monjas, aconselha que elas fujam de certos tipos de recreações, em se tratando de visitas e certos tipos de conversas. Também sobre esse período de sua vida, ela diz como contou ao seu pai que já não orava mais. Visto que, quando orava, deu livros a seu pai para que ele fizesse o mesmo, e assim ele orava há cerca de 5 anos. Sobre esse episódio, ela conta:

Mais tarde, quando eu andava tão destruída e sem ter oração, não tolerei deixá-lo pensar que eu era a mesma de antes; porque passei mais de um ano sem ter oração, acreditando ser com isso mais humilde [...] Como o bendito homem se apegava a esses assuntos, eu sofria por vê-lo tão enganado ao pensar que eu tratava com Deus como costumava e lhe disse que já não orava, mas não lhe contei a causa. Atribuí-o às minhas enfermidades, porque embora curada

daquela doença tão grave, sempre tive e tenho ainda outros grandes males (TERESA DE JESUS, 2002, p.56).

Dizendo isto, ela trata de falar que realmente sofria com problemas de saúde; no entanto, explica por que se tivesse boa-vontade poderia ter insistido, atribuindo a ela mesma a culpa. Ela relata ainda que o pai adoeceu e morreu, nessa época. O confessor do pai o admirava pela sua consciência pura, como a santa relata, e tendo também feito confissão com ele, recebeu a orientação de que voltasse a fazer oração. Sobre essas fases que atravessou, ela conclui:

Singrei esse mar tempestuoso durante quase vinte anos, caindo e levantando – levantando-me mal, pois voltava a cair. Era tão pouca a minha perfeição que quase não me importava muito com os pecados veniais, e, embora temendo os mortais, nem por isso me afastava dos perigos. Trata-se de uma das vidas mais penosas que, a meu ver, se pode imaginar: eu não me rejubilava em Deus nem me alegrava no mundo (*idem*, p. 62).

Refletindo sobre como sua vida era dividida entre o mundo e a vida religiosa, ela relata como começou a se dedicar novamente a oração, e segue fazendo essa recomendação aos que a leem. Como que concluindo essa reflexão, que precede seus ensinamentos sobre a oração mental, ela diz: “O bem que quem pratica a oração – refiro-me à oração mental- obtém já foi tratado por muitos santos e homens bons. Glória a Deus por isso! Se assim não fosse, embora pouco humilde, eu não sou tão soberba que me atrevesse a falar disso.” (*idem*, p. 63). Nessa época também leu as *Confissões* de Santo Agostinho, e se viu nela. (*idem*, p. 68). Depois disso, ela relata não mais ter deixado a oração. Ela tratará ainda dos quatro graus da oração e, a partir de sua experiência, volta-se nessa etapa para a orientação:

Por mais clara que eu tente ser falando das coisas de oração, tudo será bem obscuro para quem não tiver experiência. Falarei de alguns impedimentos que no meu entender impedem o progresso nesse caminho, bem como de coisas em que há perigo, daquilo que o Senhor me ensinou por experiência e do que aprendi discutindo com grandes mestres e pessoas que há muito se dedicam às coisas do espírito (*idem*, p. 73-74).

Para atenuar as dificuldades em explicar esses graus da oração, conforme foi dito por ela, e falando também da dificuldade que sente na linguagem espiritual, recorrerá à seguinte comparação:

Quem principia deve ter especial cuidado, como quem fosse plantar um jardim, para deleite do Senhor, em terra muito improdutiva, com muitas ervas

daninhas. Sua majestade arranca as ervas daninhas e planta as boas. Façamos de conta que isso já aconteceu quando uma alma decide dedicar-se à oração e começa a se exercitar nela. Com a ajuda de Deus, temos de procurar, como bons jardineiros, que essas plantas cresçam, tendo o cuidado de regá-las para que não se percam e venham a dar flores, cujo perfume agradável delicia esse nosso Senhor. (TERESA DE JESUS, 2002, p. 76).

Segundo a comparação, existem ainda quatro formas de regar o jardim, que correspondem aos quatro graus da oração, respectivamente. Essas quatro maneiras utilizadas por ela são as seguintes: tirando a água de um poço, tirá-la com utensílios apropriados, trazer a água de um rio ou arroio, e finalmente contar com chuvas frequentes. Ela se dedicará a tratar desse tema e a explicar em seguida em que consistem essas comparações, de acordo com os diferentes graus em que a pessoa se encontra, ao longo da sua obra.

4. HISTÓRIA DE UMA ALMA, DE SANTA TERESA DE LISIEUX (SANTA TERESA DO MENINO JESUS)

No dia 2 de Janeiro de 1873, na cidade de Alençon, na França, nasceu Marie Françoise Thérèse Martin, posteriormente conhecida como Thérèse de Lisieux ou Thérèse de L'Enfant Jésus (Teresa do Menino Jesus), ou simplesmente a *Petite Thérèse*, na França, conhecida popularmente no Brasil como Santa Teresinha. Depois da sua morte em 30 de setembro de 1897, aos 24 anos, foi publicada, três meses depois, sua obra conhecida como *História de uma alma (Histoire d'une âme*, ed. DE MEESTER, 2011, p. 19), a partir de três manuscritos. Jovem freira da ordem dos Carmelitas Descalços da cidade de Lisieux, Teresa se tornou santa e doutora da Igreja, padroeira das missões e da própria França, juntamente com Joana d'Arc. Filha de Louis Martin e Azélie-Marie Guérin, familiarmente chamada de Zélie. Católicos praticantes, os pais de Teresa se casaram no ano de 1858. Louis era relojoeiro, como o pai, e Zélie era rendeira e tinha sua própria loja na cidade de Alençon. Os dois tiveram um total de nove filhos, porém quatro deles morreram ainda na infância. Restaram cinco filhas, dentre elas Teresa, que foi a última filha do casal. Todas as cinco tornaram-se religiosas. Zélie tinha quarenta anos quando a caçula, Teresa, nasceu. Em agosto de 1877, Zélie morreu, devido a um câncer no seio, quando Teresa tinha quatro anos. Depois da morte, a família se mudou para a cidade de Lisieux, onde morava o irmão de Zélie, chamado por Teresa de “tio Guérin”, e sua família.

Teresa tomou a decisão definitiva de se tornar carmelita aos 14 anos, porém em meio às dificuldades relativas à pouca idade, entrou apenas aos 15, em abril de 1888, e lá escreveu seu primeiro manuscrito, a pedido de sua irmã Paulina, que na época já se encontrava no Carmelo e adotara o nome de irmã Agnès. Na época, Teresa já se encontrava enferma, e suas irmãs já suspeitavam que ela pudesse morrer em breve (ed. DE MEESTER, 2011, p. 31). A ideia de escrever essa obra autobiográfica, surgiu em janeiro de 1895 e, no mesmo mês, Teresa iniciou o seu primeiro manuscrito, contendo relatos de sua infância e juventude. Ela tinha então 22 anos. O segundo manuscrito seguindo a ordem desta edição, começou a ser escrito em junho de 1897, direcionado à Madre Maria de Gonzaga, no qual ela relata os acontecimentos vividos já dentro do convento. O terceiro e último manuscrito foi iniciado em setembro de 1896 e dedicado à sua irmã Maria. Não é exatamente autobiográfico, pois ela não expõe relatos específicos de sua vida, mas expõe sua doutrina, sintetizada em poucas páginas, a qual funciona como uma espécie de desfecho. Por isso, mesmo tendo sido escrito antes, foi colocado nesta edição depois do segundo. Segundo o responsável pela edição crítica, este manuscrito é uma mistura de “carta, oração, ensinamento, canto lírico, testamento espiritual, mensagem” (*idem*, p. 288). Os manuscritos nesta edição, são chamados nesta ordem, de acordo com as iniciais dos nomes a quem foram dedicados: A, G e M. Sobre a tradução da edição, segundo uma nota do tradutor (Jaime A. Clasen), foi feita de maneira literal, de forma que ele não quis interpretar o pensamento de Teresa. E ainda sobre a pontuação utilizada algumas vezes de forma irregular nas citações, foi mantida a dos escritos originais da Santa. Alguns “;” foram introduzidos pelo crítico (Conrad de Meester), sendo igualmente incluídos nas nossas citações. Existem também alguns fragmentos onde a escrita está inclinada ou em caixa alta; havendo a indicação de que foi mantida a forma original dos manuscritos de Teresa, ou, estando da mesma forma na versão francesa, referi-me a elas como “grifo da autora”, não havendo a indicação, sinalizei como “grifo do autor” atribuindo o grifo ao crítico da obra. Há que se observar que quando se tratar das metáforas principais, ou de expressões que no português possam causar dúvidas quanto ao significado, utilizaremos também uma versão francesa nas notas de rodapé para consulta. Nela os manuscritos estão organizados em ordem cronológica com os títulos: A, B e C.

No início do manuscrito, “A”, a autora faz o seguinte relato sobre sua família:

Foi ele quem a fez nascer numa terra sagrada e extremamente impregnada de um *perfume virginal*. Foi ele que a fez preceder de oito Lírios resplandcentes de brancura. Em seu amor, Ele quis preservar sua florzinha do sopro envenenado do mundo, quando sua corola apenas começava a abrir-se e esse divino Salvador a transplantou para a montanha do Carmelo onde já os dois Lírios que a tinham cercado e mansamente embalado na primavera de sua vida espalhavam o seu suave perfume... Sete anos se passaram desde que a pequena flor criou raízes no jardim do Esposo das virgens e agora três Lírios balançam perto dela suas corolas embalsamadas; um pouco mais longe outro lírio desabrochava sob os olhares de Jesus e os dois talos benditos que produziram essas flores estão agora reunidos para a eternidade na Celeste Pátria..... [sic] Lá encontraram quatro Lírios que a terra não vira desabrocharem-se... Oh! Que Jesus se digne de não deixar por muito tempo na margem estrangeira as flores exiladas; que logo o ramo de Lírios esteja completo no Céu! (LISIEUX, 2011, p. 50-51, grifo da autora)⁵.

Através das metáforas utilizadas, temos pistas do que a família de Teresa significa para ela, se levarmos em consideração a utilização das expressões “terra sagrada” e “perfume virginal”, referindo-se logo depois às pessoas de seu entorno como “resplandcentes de brancura”. Além disso, ela diz que suas duas irmãs são como lírios que a tinham “cercado mansamente”, associando isso aos muitos cuidados que recebera da família.

Muito mencionado em livros sagrados, há que se dizer que parece existir virtual e potencialmente uma “constelação semântica” envolvendo, em primeiro lugar, o uso do lírio como metáfora de pureza, delicadeza e beleza; em segundo lugar, é preciso lembrar da importância dessa flor no imaginário francês, uma vez que o lírio (identificado à flor-de-lis) foi o símbolo da monarquia francesa (fleur-de-Louis) e, por extensão, da própria França, durante grande parte de sua história, desde a Idade Média até o século XVIII, pelo menos; e, em terceiro lugar, o próprio nome Lisieux tem certa semelhança ortográfica, e talvez etimológica, com a palavra francesa *lis* (lírio), conforme evidenciamos nessa grafia LISieux. O fato de a família ter se mudado para esta cidade, após a morte da mãe, pode ter agido, ainda que de forma inconsciente, sobre o imaginário pessoal da própria Teresa

⁵ «C'est Lui qui l'a fait naître en une terre sainte et comme tout imprégnée d'un parfum virginal. C'est Lui qui l'a fait précéder de huit Lys éclatants de blancheur. Dans Son amour, Il a voulu préserver sa petite fleur du souffle empoisonné du monde ; à peine sa corolle commençait-elle à s'entr'ouvrir que ce divin Sauveur l'a transplantée sur la montagne du Carmel où déjà les deux Lys qui l'avaient entourée et doucement bercée au printemps de sa vie répandaient leur suave parfum... Sept années se sont écoulées depuis que la petite fleur a pris racine dans le jardin de l'Époux des vierges et maintenant trois Lys balancent auprès d'elle leurs corolles embaumées ; un peu plus loin un autre lys s'épanouit sous les regards de Jésus et les deux tiges bénies qui ont produit ces fleurs sont maintenant réunies pour l'éternité dans la Céleste Patrie... Là elles ont retrouvé les quatre Lys que la terre n'avait pas vus s'épanouir... Oh ! que Jésus daigne ne pas laisser longtemps sur la rive étrangère les fleurs restées dans l'exil ; que bientôt la branche de Lys soit complète au Ciel!» (A 3v-4r).

de Lisieux. São indícios que podem eventualmente atuar como ponto de partida de uma possível futura pesquisa.

Sobre a organização cronológica do texto, a própria Teresa dividiu sua vida em três etapas, e usou essa ordem para contar a sua história. Assim foi definida por ela a primeira etapa:

Na história de minha alma até minha entrada no Carmelo distingo três períodos bem distintos; o primeiro, apesar de sua curta duração, não é menos fecundo em lembranças, estende-se desde o despertar de minha razão até a partida de nossa Mãe querida para a pátria dos Céus. (LISIEUX, 2011 p.51).

Na primeira fase de seu manuscrito, Teresa recorda o período da infância em que conviveu com a mãe, quando a família ainda vivia em Alençon. Teresa teve acesso a algumas cartas de sua mãe, escritas para outros parentes, e transcreve partes delas. Em algumas, Zélie falava sobre o caráter de sua filha caçula; Teresa insere tais passagens em seus escritos autobiográficos:

Eis uma passagem de uma carta de Mamãe que vos mostrará quanto Celina era mansa e eu má – ‘Minha pequena Celina é totalmente inclinada para a virtude, é o sentimento íntimo do seu ser, tem uma alma cândida e tem horror ao mal. Quanto ao pequeno furão⁶, não se sabe como será, é tão pequeno, tão estovado, ela é de uma inteligência superior à Celina, mas bem menos mansa e sobretudo de uma teimosia quase invencível, quando ela diz ‘não’ nada pode fazê-la ceder, poder-se-ia colocá-la um dia no porão que ela preferia dormir aí a dizer ‘sim’ (*idem*, p.57).

Depois da morte da mãe, Teresa definirá esse período como sendo o segundo da sua vida, época em que ela elege uma de suas irmãs, Paulina, para ser sua “segunda mãe”. Anos mais tarde, este fato a desestabilizou emocionalmente, pois esta irmã saiu de casa, tendo aderido à vida religiosa, passando-se a chamar irmã Agnès (Inês). Sobre essa época, ela afirma:

é a partir dessa época de minha vida que foi preciso que eu entrasse no segundo período de minha existência, o mais doloroso dos três, sobretudo desde a entrada no Carmelo daquela que eu escolhera para minha segunda ‘Mamãe’. Esse período se estende desde a idade de quatro anos e meio até meu décimo quarto ano, época⁷ em que reencontrei meu caráter *de criança* ao entrar no sério da vida (*idem*, p.68, grifo do autor).

⁶ «*le petit furet*» (A 7r).

⁷ «*époque où je retrouvai mon caractère d'enfant tout en entrant dans le sérieux de la vie*» (A 13r).

Após a partida de Paulina, Teresa foi acometida de uma doença sem diagnóstico preciso, tendo também a cura da enfermidade acontecido sem explicações médicas, exceto pelo acontecimento sobrenatural que ela afirmou tê-la curado repentinamente:

Mais uma vez ela perdeu a figura materna protetora e afundou-se numa doença psicossomática. Depois de quase dois meses dessa ‘tão estranha doença’ (A28v), Teresa é curada da crise mais forte que ela jamais conhecera pelo ‘sorriso’ da Virgem Maria, ‘sua Mãe do Céu’ (A30r). Sua doença, da qual uma longa fase de escrúpulos e de lágrimas frequentes serão sintomas significativos, só é vencida no dia de Natal de 1886, quando Teresa ‘reencontra a força da alma que perdera aos 4 anos e meio e que devia conservar para sempre’ (A45r). (ed. DE MEESTER, 2011, p. 30).

Apesar desse acontecimento sobrenatural, a vida de Teresa, enquanto mística, não foi permeada de visões desse tipo, muito pelo contrário: seus relatos são de acontecimentos comuns, apenas vivenciados por ela de uma maneira diferente, conforme ela contará mais claramente, quando escreve sobre a sua vida religiosa. Era rodeada principalmente pela família, e depois pelas religiosas no convento. Em casa, Teresa tinha a companhia de suas irmãs: Paulina, Maria, Celina e Leônia, esta, pouco mencionada, além do seu pai, Louis, que era bastante admirado pela jovem. Essas são as pessoas mais presentes na história de Teresa e, por isso, consideramos que foram as que mais influenciaram o seu modo de ser. A própria Teresa reconhece a importância da sua família em sua história, quando diz:

Eu sei, Deus não tem necessidade de ninguém para fazer a sua obra, mas do mesmo modo que permite a um hábil jardineiro cultivar plantas raras e delicadas e que lhe dá para isso ciência necessária, reservando para si mesmo o cuidado de fecundar, assim Jesus quer ser ajudado na sua Divina cultura das almas (LISIEUX, 2011, p. 142).

5. TERESA DE LISIEUX – RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS

Organizaremos a escolha de nossos relatos a partir da participação de seus familiares nesses eventos, pois parece claro que diferentes membros da família Martin, seu patronímico original, tiveram influência decisiva na orientação religiosa da santa. Sendo assim, registros desse convívio familiar podem clarear o entendimento de certos aspectos dessa doutrina, levando em consideração que Teresa enquanto filha caçula recebeu um amor demonstrado de várias maneiras em cuidados de seus familiares, sem fazer esforços para isso, e descobriu que a sua “pequena doutrina” consistia apenas em viver o amor, identificado como sua própria vocação, nas eventuais ocasiões do cotidiano, sem que para

isso fosse necessário fazer grandes obras, como os santos até então faziam. Alguns aspectos nos levaram a observar a influência que a família Martin exerceu sobre a autora, uma vez que se tratava de uma família católica, chefiada pelo patriarca Louis. Quatro de suas filhas, incluindo a caçula Teresa, tornaram-se religiosas, tendo Paulina ocupado o cargo de abadessa, o mais alto da hierarquia das monjas carmelitas das quais fazia parte, e a própria Teresa, assim como seus pais que se tornaram santos.

Sendo assim é possível que a forte religiosidade dessa família oriunda das classes populares possa lançar luzes sobre o desenvolvimento dessa vocação religiosa, sobretudo diante do contexto histórico da época, em que já havia acontecido reformas de natureza protestante, bem como o próprio Iluminismo no século XVIII, com a própria capital da França ficando conhecida como a “Cidade Luz”, por ser o berço das ideias revolucionárias advindas dos filósofos e intelectuais que lá habitavam.

5.1 Louis - O seu Rei

Louis, o pai de Teresa, fervoroso católico, foi juntamente com sua esposa Zélie Guérin, canonizado pelo Papa Francisco, em 2015. Tendo Teresa um grande afeto pelo pai, sua presença é frequentemente lembrada na sua autobiografia. Com essas palavras, ela expressou sua admiração:

Não posso dizer quanto amava Papai, tudo nele me causava admiração; quando me explicava seus pensamentos (como se eu fosse uma moça) eu lhe dizia simplesmente que sim, se ele dissesse tudo isso aos grandes do governo, eles o tomariam para fazê-lo REI⁸ e que então a França seria feliz como nunca fora..... [sic] Mas no fundo eu estava contente (e mo [sic] censurava como pensamento de egoísmo) que só havia eu para *bem conhecer* Papai, porque se ele tivesse se tornado *Rei de França* e de *Navarra* eu sabia que ele teria sido infeliz, visto que este é o destino de todos os monarcas e sobretudo não teria sido meu Rei só pra mim! (LISIEUX, 2011, p. 81-82, grifo do autor).

Além disso, ela se refere ao pai como “seu rei” e a si mesmo como “pequena rainha”, termos que são repetidos em várias passagens. Essa forma familiar e afetuosa mostra admiração e respeito mútuos. Tudo nele causava admiração nela; ele, por sua vez, era um pai muito afetuoso, especialmente com a filha caçula. No trecho abaixo, ela declara que o considerava um modelo de santidade. Levando em conta todos esses

⁸ Palavra muito aumentada pela autora no manuscrito original. (ed. DE MEESTER, 2011, p. 81).

aspectos, percebemos que a sua relação com o pai, bem como com as suas outras irmãs, exerceu um grande papel na vida da futura santa:

Em seguida subíamos para fazer a oração em comum e a pequena rainha estava sozinha junto do seu Rei, tendo apenas que olhá-lo para saber como os Santos rezam... [sic] No fim vínhamos todas por ordem de idade dizer o boa-noite a papai e receber um beijo, a *rainha* vinha naturalmente por último, o *rei* para beijá-la / pegava pelos cotovelos e ela gritava bem alto: ‘Boa noite, Papai, boa noite, dorme bem’, era todas as noites a mesma repetição... Em seguida minha mãezinha me tomava em seus braços e me levava para a cama de Celina, então dizia: ‘Paulina, fui muito bem comportada hoje?.. [sic] Os *anjinhos* vão voar em minha volta?’ A resposta era sempre *sim*, senão teria passado a noite inteira a chorar... Depois de ter-me beijado assim como minha querida madrinha, *Paulina* descia e a pobre Teresinha ficava sozinha na escuridão, ela gostava de imaginar os *anjinhos* voando em torno dela, logo ficava apavorada, as trevas lhe davam medo, porque de sua cama ela não via as estrelas que cintilavam mansamente... (LISIEUX, 2011, p.76-77, grifo do autor).

Teresa relata também momentos de sua infância em que estava ao lado do pai, que costumava cuidar das plantas e flores do jardim familiar. Os laços afetivos com o pai parecem ter se estreitado mais durante esses momentos no jardim, assim como o seu apreço pelas flores, conforme ela conta a seguir:

Depois do passeio (durante o qual papai sempre me comprava um presentinho barato de uma ou duas moedinhas) eu voltava para casa, então fazia meus deveres, depois todo o resto de tempo, ficava a brincar no jardim em torno de papai, porque *não sabia* brincar de boneca. Era uma grande alegria para mim preparar tisanas com pequenos grãos e cascas de árvores que achava no chão, em seguida as levava a papai numa bela xicrinha, o pobre paizinho deixava seu trabalho e sorrindo fingia beber; antes de me devolver a xícara ele me perguntava (como que as escondidas) se era preciso jogar fora o conteúdo; às vezes eu dizia sim, mas mais geralmente levava minha preciosa tisana, querendo servi-la várias vezes.... [sic] Gostava de cultivar pequenas flores no jardim que papai me dera (LISIEUX, 2011, p.70, grifo do autor).

Sabemos que Louis esteve presente em diversos momentos da vida de Teresa, e é ela própria quem o diz: “Ah! como poderia eu repetir todas as ternuras que ‘*Papai*’ prodigalizava à sua pequena rainha? Há coisas que o coração sente, mas que a palavra e até o pensamento não podem chegar a produzir.....[sic]” (*idem*, p. 70, grifo do autor). Louis estava junto a ela naquele momento que ela qualifica como sendo o início do terceiro período da sua vida, em decorrência de uma ação por ele praticada, que desencadeou a mudança. Foi no Natal de 1886, no dia em que ela diz ter acontecido um pequeno milagre, no dia em que ela saiu da infância e aconteceu sua completa conversão. Após chegarem da Missa do Galo, ela, o pai e a irmã Celina, era chegado o momento tradicional de retirar presentes de dentro dos sapatos. Ela conta que o pai, exausto após a

missa e aborrecido ao ver os sapatos, comenta com Celina que está feliz por ser o último ano daquela tradição. Teresa, que era uma menina supersensível, subiu as escadas para retirar o chapéu, enquanto Celina, conhecendo a sensibilidade da irmã, tratada por ela como um bebê, pediu-lhe que não descresse naquele momento, pois isso poderia causar-lhe muita tristeza. Naquele momento, conta ela, reprimiu as lágrimas que lhe vinham aos olhos e desceu as escadas em seguida, tendo ido alegremente retirar os presentes dos sapatos. O pai voltou a ficar alegre, e a irmã acreditava sonhar. Ela diz que nesse dia reencontrou “a força de alma que tinha antes dos 4 anos e meio” (LISIEUX, 2011, p. 125). Mais adiante, ela explica o que aconteceu no seu interior nesse momento:

Senti numa palavra a *caridade* entrar em meu coração, a necessidade de me esquecer para dar prazer e, desde então, fiquei feliz!... [sic] Num domingo, ao olhar uma fotografia de Nosso Senhor na Cruz, fiquei impressionada com o sangue que caía de uma das suas mãos divinas. Senti grande aflição pensando que esse sangue caía no chão sem que ninguém se apressasse em recolhê-lo. Resolvi ficar, em espírito, ao pé da Cruz para receber o divino orvalho que se desprendia, compreendendo que precisaria, a seguir, espalhá-lo sobre as almas.... [sic] (*idem*, p.125, grifo do autor).

Um ano mais tarde, Teresa tomaria a decisão de tornar-se religiosa, decisão contada ao pai, que a apoiou e procurou fazer todos os esforços para ajudá-la, inclusive a levando até Roma, para falar diretamente com o Papa, juntamente com Celina. Depois da entrada de Teresa no Carmelo, Louis começa a apresentar sinais de grave doença. Foi sua filha Celina quem o assistiu durante esse período:

tendo a mesma vocação que eu, cabia a ela partir!.. [sic] mas como no tempo dos mártires, os que estavam na prisão davam alegremente o beijo da paz a seus irmãos que partiam por primeiro para combater a arena e se consolavam com o pensamento de que talvez estivessem reservados para combates maiores ainda, assim *Celina* deixou sua Teresa distanciar-se e ficou sozinha para o glorioso e sangrento combate ao qual Jesus a destinava como a *privilegiada* de seu amor!...[sic] (*idem*, p. 134-135, grifo do autor).

Para Teresa, esse período foi de enfrentamento e sofrimento para sua irmã. Teresa sofreu, por sua vez, à distância, o sofrimento do pai, internado em uma clínica psiquiátrica da cidade de Caen, na Normandia, um mês após a tomada de hábito dela, vítima de graves alucinações. O internamento durou três anos, chamados por Teresa de o “martírio de papai” (*idem*, p. 180). Na ocasião, Celina e Leônia ficaram no orfanato São Vicente de Paulo, na mesma cidade, tendo retornado depois para Lisieux, onde ficaram na casa do tio Guérin, até o retorno do pai. Após os três anos na clínica, Louis volta a Lisieux, quando faz então uma última visita às filhas no Carmelo, tendo vivido por ainda mais dois anos.

5.2 Paulina - Duas vezes mãe

Paulina atuou como uma espécie de segunda mãe de Teresa, porque depois do falecimento de Zélie, a mãe, foi ela quem Teresa “escolheu” para substituí-la. A presença de Paulina é marcante na segunda fase da vida de Teresa, no entanto, desde a sua primeira fase, Teresa já nutria uma admiração pela irmã, conforme ela mesma diz: “Quando comecei a falar e quando minha Mamãe me perguntava – ‘Em que pensas?’ a resposta era inevitável – ‘Em Paulina!..[sic]’” (LISIEUX, 2011, p. 54). Quando Teresa já estava mais crescida, foram Paulina e Maria quem lhe ensinaram as lições, antes mesmo de começar a frequentar a abadia. Ela conta que sua irmã ia até ela todos os dias, a vestia e, ao seu lado, fazia orações. Depois faziam a lição de leitura. A de escrita era ensinada por Maria; todas as outras, por Paulina. As suas preferidas eram o catecismo e história sagrada, já a gramática lhe fazia chorar, às vezes (*idem*, p. 69). Era também Paulina quem ouvia as confidências de Teresa; esta relata que, desde a infância, sentia o desejo de morar em um deserto; e posteriormente, percebeu que esse deserto que desejava era o mosteiro. Ela conta que numa dessas conversas, confidenciou à irmã esse sentimento:

Um dia eu tinha dito a Paulina que queria ser solitária, ir embora com ela para um deserto distante, ela me respondera que meu desejo era o seu e que ela *esperaria* que eu fosse bastante grande para partir. Sem dúvida isso não fora dito seriamente, mas a pequena Teresa levava a sério, por isso qual não foi sua dor ouvir um dia sua querida Paulina falar com Maria de sua entrada próxima no Carmelo..... [sic] (*idem*, p. 89, grifo do autor).

Depois que Paulina lhe contou sobre o Carmelo, ela diz ter sentido que esse era o deserto para onde Deus queria que ela fosse (*idem*, p. 90). No entanto, antes que Teresa pudesse partir, Paulina partiu. Na época, além da tristeza, ela foi acometida de uma grave doença. Durante esse período, eram as cartas de Paulina que lhe serviam de consolo. (*idem*, p. 96). Depois disso, Teresa substituiu a presença marcante da irmã por outra irmã, Maria, que tornou-se também uma espécie de mãe. Porém estando Teresa já no Carmelo, no ano de 1893, Paulina viria a tornar-se priora do convento, voltando a ser “mãe” de Teresa, uma vez mais. A ela, Teresa dedica seu primeiro manuscrito. Ela dirá: “A vós, Madre querida, vós que sois duas vezes minha Mãe, venho confiar a história de minha alma..... [sic]” (*idem*, p. 47). É Paulina quem pedirá a Teresa para escrever sua autobiografia. Escrita em janeiro de 1895, foi a partir da frase escrita e mais de duas vezes

repetida por Teresa que surgiu o título “História de uma alma”, de acordo com o crítico De Meester (2011, p. 47).

5.3 Maria - O oráculo

Foi Maria quem cuidou de Teresa durante sua grave doença, porque ela tornou-se uma espécie de terceira mãe, depois da partida de Paulina, além de ser sua madrinha. Escrevendo sobre o período da doença, ela expressa sua gratidão a Maria: “Ah! como ela sofreu por causa de mim.... [sic] Como lhe sou grata pelos cuidados que ela me prodigalizou com tanto desinteresse...” (LISIEUX, 2011, p. 93). Nessa época, Teresa estava acamada, em estado de delírio. Ela conta que depois da recuperação, temia escrupulosamente ter fingido a doença, por conta do estado estranho em que se encontrava:

Não é surpreendente que eu temesse ter parecido doente sem estar realmente, pois eu dizia e fazia coisas que não pensava; quase sempre parecia em delírio dizendo palavras que não tinham sentido e no entanto estou *segura* de não ter sido *privada* um *só instante* do uso de *minha razão*.... [sic] Parecia frequentemente desmaiada, não fazendo o mais leve movimento, então teria deixado fazer comigo tudo o que quisessem, até matar, no entanto, ouvia tudo o que se dizia em minha volta e me lembro ainda de tudo.... [sic] (*idem*, p. 94, grifo do autor).

A cura da doença se deu no dia em que Teresa diz ter visto o sorriso da Virgem Maria. Sobre este sorriso, Teresa, após tê-lo visto e se sentido feliz, pensou em nunca dizê-lo a ninguém (*idem*, p. 98). No entanto, ela conta que Maria, que rezava ao seu lado olhando para uma imagem de Nossa Senhora das Vitórias, percebeu que algo de sobrenatural havia acontecido com sua irmã, o que fez com que Teresa lhe confiasse seu segredo. Ela quis logo contar a notícia no Carmelo, mas sofreu em dizê-lo, por causa de seus escrúpulos:

Agora preciso dizer-vos Madre querida, como minha alegria transformou-se em tristeza. Maria após ter ouvido o relato ingênuo e sincero de ‘minha graça’ pediu-me permissão para dizê-la ao Carmelo, eu não podia dizer não [...] questionaram-me sobre a graça que eu tinha recebido, me perguntando se a Sta. Virgem levava o menino Jesus, ou se havia muita luz, etc... Todas essas perguntas me perturbaram e me deixaram aflita, só podia dizer uma coisa: ‘A Santíssima Virgem me parecera *muito bela*... e eu a tinha visto sorrir pra mim’. Fora seu *rosto só* que me impressionara, também vendo que as carmelitas imaginavam totalmente outra coisa (meus sofrimentos de alma começando já acerca da minha doença), eu imaginava *ter mentido*.....[sic] (*idem*, p. 98-99, grifo do autor).

Teresa estava sempre rodeada das irmãs, por causa de sua frágil saúde, mas pelo fato de ser a caçula, privada da mãe desde a infância; foi também por isso, mimada. A própria Teresa constatou isso durante o retiro preparatório à primeira comunhão. Ela conta: “Fiz a experiência durante meu retiro que eu era uma criança mimada e envolvida como há poucas na terra, sobretudo entre as crianças que estão privadas de sua mãe..... [sic] Todos os dias Maria e Leônia vinham me ver com papai, que me enchia de mimos” (LISIEUX, 2011, p. 105). Ela conta ainda outra experiência, durante esse retiro, a qual mostra a forma como era tratada em casa e, especificamente, por Maria:

De manhã achei muito gentil ver todas as alunas levantarem-se ao toque de despertar e fazer como elas, mas não estava habituada a me arrumar sozinha, *Maria* não estava lá para me *frisar*, por isso era obrigada a ir timidamente apresentar meu pente à mestra camareira; ela ria ao ver uma moça de 11 anos que não sabia se arrumar, no entanto me penteava, mas não tão *suavemente* como *Maria* e apesar disso eu não ousava *gritar*, o que me acontecia todos os dias sob a *suave* mão da *madrinha* (*idem*, p. 105, grifo do autor).

Alguns anos depois, *Maria* também entrou no Carmelo. Teresa menciona seu sofrimento durante esse período e o quanto foi difícil aceitar separar-se de sua madrinha, que ela dizia ser seu oráculo (*idem*, p. 118). Antes da entrada de *Maria*, quando o *Louis* e suas filhas fizeram uma viagem a Alençon, *Leônia* entrou repentinamente para o convento das *Clarissas*, mas retornou dois meses depois. Inicialmente, restaram em casa o pai, *Teresa* e *Celina* e, mais tarde, *Leônia*, que somente estabeleceu-se em definitivo, como religiosa *Visitandina*, depois da entrada de *Celina*.

5.4 *Celina* - A irmã inseparável

Após a partida de *Maria*, as duas irmãs mais novas se viram tão unidas quanto na infância, quando eram muito próximas. Foi a mãe delas que escreveu em cartas sobre elas. Um desses trechos, reescritos por *Teresa*, dizia: “*Celina* e *Teresa* são inseparáveis, não se pode ver duas crianças se amarem mais, quando *Maria* vem buscar *Celina* para fazer suas lições, essa pobre *Teresa* fica toda em lágrimas. [...] *Maria* tem pena dela, toma-a também” (*idem*, p. 60).

No tempo em que *Teresa* frequentou a abadia das beneditinas, identificado por ela como os cinco anos mais tristes de sua vida, ela diz que não teria podido ficar sem adoecer, se não contasse com a ajuda de *Celina*. Sendo ela a mais adiantada dentre as meninas de sua idade, foi colocada numa sala de meninas mais velhas. Uma delas, com

ciúmes do seu desempenho e por ela ser querida entre as religiosas, praticava o que hoje conhecemos como *bullying* e, posto que ela não sabia se defender, ela conta que “se contentava em chorar” (LISIEUX, 2011, p. 84).

Durante o tempo em que estavam apenas as duas e o pai, Teresa diz ter sido muito feliz. Foi quando decidiu seguir sua vocação, tendo sido apoiada por Celina, que viria a seguir o mesmo caminho posteriormente. Ela conta: “Celina tornou-se pois confidente de minhas lutas e de meus sofrimentos, tomou parte como se se tratasse de sua própria vocação; do lado dela eu não tinha oposição a temer, mas não sabia que meio tomar para anunciá-lo a papai.... [sic]” (*idem*, p. 135). Finalmente, após o anúncio da decisão, os três fariam uma peregrinação durante a qual viveram momentos intensos, por ela recordados no manuscrito. O objetivo principal da viagem era, porém, o encontro com o Papa Leão XIII, em Roma. Superadas as dificuldades da entrada e estando Teresa já no Carmelo, Celina ficou com o pai até o fim dos dias dele, depois disso entrou no mesmo convento que Teresa, o que ela diz ter sido seu último e maior desejo realizado (*idem*, p. 198), dentre outros desejos que ela conta terem se tornado realidade.

6. O AMOR COMO VOCAÇÃO E A DOCTRINA DA “PEQUENA VIA”

Para compreender a doutrina de Teresa é preciso entender sua vocação ao amor, descoberta já na vida religiosa, porque a vivência dessa doutrina está intrinsecamente ligada à vivência do amor. Tendo o desejo de ser Santa, ela relata sua inspiração na história da Santa Joana d’Arc, cuja história teve a oportunidade de conhecer. Teresa escreveu inclusive “recreações piedosas”, que são peças teatrais sobre a vida de Joana d’Arc, cujo papel foi interpretado por ela mesma (ed. DE MEESTER, 2011, p. 102).

No seu primeiro manuscrito, ela conta que, dentre os inúmeros livros aos quais teve acesso, vários santos lhe deram o entusiasmo de ser como eles, no entanto a história da heroína francesa lhe chamou bastante atenção. Sobre essa descoberta, ela dirá:

Foi assim que ao ler os relatos das ações patrióticas de heroínas francesas, particularmente as da venerável JOANA D’ARC, tinha um grande desejo de imitá-las [...] Pensei que tinha nascido para a glória, e buscando o meio de alcançá-la, Deus inspirou-me os sentimentos que acabo de escrever. Fez-me compreender também que minha glória não apareceria aos olhos mortais, que ela consistia em tornar uma grande Santa!!!.... [sic] (LISIEUX, 2011 p. 102, grifo da autora).

No seu último manuscrito, Teresa diz que sentia o desejo de realizar coisas grandes, assim como os grandes mártires da Igreja. Ela dirá que tem desejos de ser “guerreiro, de sacerdote, de apóstolo, de doutor e mártir” (LISIEUX, 2011, p. 309). Outros santos lhe foram fonte de inspiração, como São João da Cruz, por exemplo, mas a leitura, que lhe era atraente, parecia não lhe trazer maiores inspirações, posteriormente. Ela diz, no manuscrito “G”:

Ah! Quantas luzes não consegui nas obras de Nosso Pai S. João da Cruz!... [sic] Com a idade de 17 e 18 anos eu não tinha outro alimento espiritual, porém mais tarde todos os livros me deixaram na aridez e estou ainda neste estado. Se abro um livro composto por um autor espiritual (até o mais bonito, o mais emocionante), sinto imediatamente meu coração fechar-se e leio por assim dizer sem compreender, ou se compreendo meu espírito para sem poder meditar.... [sic] Nessa impotência a Escritura Sagrada e a Imitação vêm em meu socorro, nelas encontro um alimento sólido e todo *puro*. Mas é acima de tudo o *Evangelho* que me mantém durante minhas orações, nele encontro tudo o que é necessário para minha pobre alminha. Aí descubro sempre novas luzes, sentidos ocultos e misteriosos.... [sic] (*idem*, p. 202, grifo do autor).

Este era o estado de espírito de Teresa, ao escrever também o manuscrito M, no qual ela dirá que conhece uma espécie de “aridez” nas obras que lê, dizendo:

Sem se mostrar, sem fazer ouvir sua voz Jesus me instrui em segredo; não é por meio de livros, pois não compreendo o que leio, mas às vezes uma palavra como esta que tirei no final da oração após ter ficado no silêncio e na *secura* vem consolar-me: ‘*Eis o mestre que te dou, ele te ensinará tudo o que deves fazer. Quero fazer com que leias no livro da vida, onde está contida a ciência do AMOR.*’ A ciência do amor, oh sim! Esta palavra ressoa docemente ao ouvido de minha alma, só desejo essa ciência. (*idem*, p. 304, grifo da autora).

Sem encontrar mais inspiração na leitura, Teresa abriu espaço para a originalidade da sua doutrina. Apenas a palavra *amor* sintetizará sua vocação, que ela definiu como sendo a base de tudo. Ela acreditava que aquilo que fizesse sem amor não seria nada. Do mesmo modo, tudo o que se fizesse com amor (caridade), ainda que pequenas coisas, se tornariam significativas. Nisto consistia sua vocação:

Compreendi que se a igreja tinha um corpo, composto de diferentes membros, o mais necessário, o mais nobre de todos não lhe faltava, compreendi que a igreja *tinha um coração, e esse Coração estava ARDENDO de AMOR*. Compreendi que *só o Amor* fazia agir os membros da igreja, que se o *Amor* se extinguisse, os Apóstolos não anunciariam mais o Evangelho, os Mártires se recusariam a derramar seu sangue.... Compreendi que o *AMOR ENCERRAVA TODAS AS VOCAÇÕES, QUE O AMOR ERA TUDO, QUE ELE ABRANGE TODOS OS TEMPOS E TODOS OS LUGARES... NUMA PALAVRA QUE ELE É ETERNO!*..... [sic] (*idem*, p. 312, grifo da autora).

Foi também na simplicidade da criança e de sua “pequena alma” (LISIEUX, 2011, p. 309), que ela desenvolveu sua mística. Ela definiu sua “pequena via” como um caminho que não requer complexidades, mas antes a espontaneidade da criança que corre para os braços do Pai, a fim de que ele realize seu desejo, reconhecendo em si uma total fragilidade. Em se tratando de sua identificação com a criança, ela dirá:

As obras grandiosas lhe são proibidas, não quer pregar o Evangelho, derramar seu sague... mas que importa, seus irmãos trabalham em seu lugar, e ela, pequena criança, fica muito perto do trono do Rei e da Rainha, ela *AMA* por seus irmãos que combatem..... [sic] Mas como dará testemunho de seu *Amor*, visto que *o Amor* se prova pelas obras? Pois bem, a criancinha lançará flores, embalsamará com seus perfumes o trono real, cantará com sua voz argêntea o cântico do amor... (LISIEUX, 2011, p. 314-315, grifo da autora).

Continuando o seu texto, Teresa dirá que lançará flores, essas flores são os seus pequenos sacrifícios, explicados no decorrer do segundo manuscrito: gestos, olhares, palavras, enfim, todas as mínimas coisas que ela procurava fazer com amor. O amor, ela o define, como sendo a sua vocação nessas palavras: “Então no excesso de minha alegria delirante, exclamei: Ó Jesus, meu amor.....[sic] minha *Vocação*, enfim eu a encontrei, *MINHA VOCAÇÃO É O AMOR!*..... [sic]” (*idem*, p. 312, grifo da autora).

7. SÃO JOÃO DA CRUZ

Sendo leitora e discípula de São João da Cruz, fica evidente nos escritos de Santa Teresa de Lisieux a inspiração que esse santo exerceu na sua vida. Segundo De Meester (2011, p. 305): “Já no tempo de sua profissão, ela falava do ‘cume da montanha do amor’. Ela lia intensamente São João da Cruz, cujo desenho do Monte Carmelo, ‘monte da perfeição’, lhe inspirava muito.”

João de Yepes nasceu em 1542, em Fontiveros, Espanha. Seu pai foi deserdado pela família após o casamento com a mãe de João, que era órfã. Em péssimas condições de vida, sua mãe, já viúva, muda-se para a cidade de Medina del Campo. Foi lá que ele iniciou seus estudos, em 1551, concomitantemente a seu trabalho num hospital; foi lá também que tornou-se carmelita, em 1563. Inconformado com os hábitos da ordem naquela época, pretendia ser cartuxo, até encontrar Santa Teresa de Ávila, o que o fez conhecer o novo ramo, o das Carmelitas Descalças segundo Sciandini (1991). Resistentes às reformas, os carmelitas calçados sequestraram e prenderam São João da Cruz durante 9 meses, na prisão do convento de Toledo, onde sofreu torturas, até que conseguiu fugir,

sendo acolhido pelas carmelitas. Ficou um tempo livre e foi preso novamente. Foi durante esse tempo que compôs os poemas que o levaram a ser reconhecido como um dos grandes autores de língua espanhola. Escreveu quatro grandes obras: *A subida do monte Carmelo*, *A noite escura da alma*, *Cântico espiritual* e *Chama de amor viva*. Reconhecido como santo ainda em vida, ele encarnou radicalmente o espírito de pobreza e penitência, através de seu modo de vida, pois ele dizia em seus escritos desejar ser “nada”. Conhecido como o doutor do tudo e do nada, a doutrina que ele deixou consiste na crença segundo a qual o homem deve ser nada, já que Deus é tudo. Esvaziando-se, Deus vem preenchê-lo. Assim como Teresa, ele utiliza metáforas literárias para explicar: “é preciso observar aqui como esta purificadora e amorosa notícia ou luz divina, quando vai preparando e dispondo a alma para a união perfeita de amor, age à maneira do fogo material sobre a madeira para transformá-la em si mesmo” (SÃO JOÃO DA CRUZ, 1960, p. 357).

8. METÁFORAS LITERÁRIAS

Segundo Moisés (2004, p. 324), “o vocábulo ‘metáfora’ pode ser empregado, genericamente, como sinônimo de figuras de linguagem ou de pensamento”. Nesse sentido, a metáfora constitui-se como uma linguagem indireta, aquela que apresenta a ideia, traduzindo-a em outra linguagem, a partir de pontos em comum. Nos escritos estudados, identificamos representações metafóricas que melhor definam a doutrina de Santa Teresa de Lisieux, enquanto “pequena via”, as quais abordaremos a seguir.

8.1 As origens do nome religioso e suas possíveis representações

Nos seus manuscritos autobiográficos, Teresa de Lisieux conta como aconteceu a escolha de seu nome religioso, após o ingresso no convento de sua cidade: *Thérèse de l'Enfant Jésus de la Sainte Face*. Ela diz que esse evento ocorreu pouco depois da entrada da sua irmã Paulina no Carmelo, em abril de 1883, quando ela própria tinha 10 anos de idade:

Na manhã do dia em que devia ir ao parlatório, refletindo sozinha na minha *cama*, (pois era lá que fazia minhas mais profundas orações e ao contrário da esposa de cânticos encontrava aí sempre meu Bem-Amado), perguntava-me que nome eu teria no Carmelo; sabia que havia uma Irmã Teresa de Jesus, no entanto meu belo nome de Teresa não podia ser tirado de mim. De repente pensei no *Pequeno Jesus* que amava tanto e disse para mim mesma: ‘Oh! Como seria feliz em me chamar Teresa do Menino Jesus’. *Nada disse* no parlatório

do *sonho* que eu tivera completamente desperta, mas essa boa madre *Maria de Gonzaga* ao perguntar às Irmãs qual nome deveria dar-me, veio-lhe ao pensamento chamar-me pelo nome que eu tinha *sonhado*.... [sic] Minha alegria foi grande e esse feliz encontro de pensamentos pareceu-me uma delicadeza de meu Bem-Amado Menino Jesus. (LISIEUX, 2011, p. 99-100, grifo do autor).

A escolha do nome do menino Jesus parece ter sido motivada por um apreço de Teresa pela figura do menino Jesus. No entanto, assim como ela assinava antes do seu nome A pequenina Teresa (*La toute petite Thérèse*), sendo a infância tomada como metáfora para ela conceber sua doutrina, centrada na atenção às coisas pequenas e aparentemente sem muita importância, o seu nome escolhido anteriormente já carrega uma semelhança com essa ideia. No seu segundo nome, “da Santa Face”, por sua vez, existe uma referência a um acontecimento de sua vida, que ela revela nesta passagem:

A florzinha transplantada sobre a montanha do Carmelo devia desabrochar à sombra da Cruz, as lágrimas, o sangue de Jesus se tornaram seu orvalho e o seu Sol foi a Face Adorável velada de choros.... [sic] Até então eu não tinha sondado a profundidade dos tesouros escondidos na Sagrada Face, foi por vós, Madre querida, que aprendi a conhecê-los; assim como outrora vós nos precedestes todas no Carmelo, assim penetrastes o primeiro dos mistérios de amor escondidos do Rosto de nosso Esposo; então me chamastes e compreendi..... [sic] Compreendi o que era a *verdadeira glória*. Aquele cujo reino não é deste mundo mostrou-me que a verdadeira sabedoria consiste em ‘querer ser ignorado e considerado um nada’. – Em ‘pôr sua alegria no desprezo de si mesmo’..... [sic] Ah! como o de Jesus, eu queria que: ‘Meu rosto seja verdadeiramente escondido, que na terra ninguém me reconheça’. (*idem*, p.176, grifo do autor).

A Sagrada Face que está escondida pelo sangue por amor, representa para Teresa a maneira como ela havia escolhido viver: escondida por amor. O amor foi a descoberta de Teresa enquanto vocação, assim como a sua forma de vivê-lo concretamente. Apenas esses dois nomes parecem já representar bem a doutrina da santa.

8.2 A pequena flor – Uma “reliquia” entregue pelo pai

A metáfora da “pequena flor”, tal como ela se autodenomina, perpassa todo o manuscrito A, conforme ela relata nessa passagem, recordando um gesto de seu pai:

Ao se aproximar de um muro pouco elevado, mostrou-me *florzinhas brancas* semelhantes a lírios em miniatura e pegando uma dessas flores deu-me, explicando-me com que cuidado Deus a fizera nascer e a conservara até esse dia; ao ouvi-lo falar, acreditava escutar minha história tanta era a semelhança entre o que Jesus fizera pela *pequena flor* e a *pequena Teresa*.... [sic] Recebi essa florzinha como uma relíquia e vi que ao colhê-la Papai tirara todas as suas

raízes sem quebrá-las, parecia destinada a viver ainda numa outra terra mais fértil que o limo tenro onde se tinham passado suas primeiras manhãs.... [sic] (LISIEUX, 2011, p.136, grifo do autor).

Aliás, ela inicia o manuscrito A, nestes termos: “História primaveril de uma **florzinha branca** escrita por ela mesma” (*idem*, p. 47, grifo nosso)⁹. A história se inicia com uma pequena narrativa na qual os seus entes próximos são representados como uma família de lírios brancos, uma representação que pode convergir em conceitos anteriormente citados. Ela faz alusão aos tempos difíceis em que passou na Abadia das Beneditinas, entre 1881 e 1886, retomando a mesma narrativa do início:

A pobre florzinha fora habituada a mergulhar suas raízes numa *terra escolhida*, feita expressamente para ela, também lhe pareceu muito duro ver-se no meio de flores de toda espécie de raízes muitas vezes muito pouco delicadas e ser obrigada a encontrar numa *terra comum* a seiva necessária à sua subsistência!.....[sic] (*idem*, p. 84, grifo do autor)¹⁰.

São inúmeras as vezes em que Teresa refere-se a si mesma como uma flor, o que pode sugerir também que se trata de uma representação de sua juventude; além disso, a metáfora foi utilizada várias vezes no diminutivo, reforçando a ideia de pequenez, essencial à doutrina da santa.

Teresa identifica a casa paterna como a “terra escolhida” onde ela estava habituada a viver, da mesma forma que o Carmelo se tornará a outra “terra ainda mais fértil” para onde fora transplantada.

O lírio pode também estar relacionado a referências bíblicas como, por exemplo, quando a flor é citada no Evangelho, segundo São Mateus: “E por que vos inquietais com as vestes? Considerai como crescem os lírios do campo; não trabalham nem fiam” (Mt 6, 28). Também existe a referência ao lírio no Cântico dos Cânticos (Ct 2, 2): “Como o lírio entre os espinhos, assim é minha amiga entre as jovens”. Já nos referimos às conotações históricas e nacionais relacionadas à flor, anteriormente, símbolo da monarquia francesa e da própria França, estando também associado a figura da heroína Joana D’arc.

8.3 A pequena bola – Presente das irmãs

⁹ «HISTOIRE PRINTANIERE D’UNE PETITE FLEUR BLANCHE ÉCRITE PAR ELLE MÊME» (A 1r).

¹⁰ «La pauvre petite fleur avait été habituée à plonger ses fragiles racines dans une terre choisie, faite exprès pour elle, aussi lui sembla-t-il bien dur de se voir au milieu de fleurs de toute espèce, aux racines souvent bien peu délicates, et d’être obligée de trouver dans une terre commune le suc nécessaire à sa subsistance !... » (A 22v).

Apesar do apoio do pai, Teresa encontrará dificuldades para viver sua vocação. O tio Guérin, por exemplo, não aceita facilmente a ideia, a respeito do que ela diz:

Não foi sem tremer que confiei ao meu tio a resolução que tomara. Ele me prodigalizou todas as marcas de ternura possíveis, entretanto não me deu a permissão de partir, pelo contrário, proibiu-me de lhe falar da minha vocação antes da idade de 17 anos. Era contrário à prudência humana, dizia ele, deixar entrar no Carmelo uma menina de 15 anos; esta vida de carmelita sendo aos olhos do mundo uma vida de filósofo, seria causar um grande mal à religião deixar uma criança sem experiência abraçá-la... Todo mundo falaria etc.... [sic] etc... Disse até que para decidi-lo a deixar-me partir seria preciso um *milagre*. (LISIEUX, 2011, p.137, grifo do autor).

Além disso, ela não terá a permissão dos superiores para entrar de imediato. Devido a sua pouca idade, deveria esperar ainda alguns anos. Ela partirá então de Lisieux em direção a Bayeux, a fim de falar com o bispo, mas não consegue a permissão. Ela decide então ir à Itália para falar pessoalmente com o pontífice, o Papa Leão XIII. Sobre esse episódio, ela disse:

Um instante depois eu estava aos pés do Santo Padre; [...] Santíssimo Padre, lhe disse, em honra de vosso jubileu, permiti que eu entre no Carmelo aos 15 anos!...[sic][...]-‘Santíssimo Padre (respondeu o Grande vigário), *é uma criança* que deseja entrar no Carmelo aos 15 anos, mas os superiores examinam a questão nesse momento.’ –Pois então, minha filha, respondeu o Sto. Padre me olhando com bondade, fazei o que os superiores vos disserem.’ Apoiando então as minhas mãos sobre seus joelhos tentei um último esforço e disse com voz suplicante: ‘Oh! Santíssimo Padre, se vós dissésseis sim, todo mundo concordaria!...’ [sic] Ele me olhou fixamente e pronunciou estas palavras acentuando cada sílaba: ‘Vamos... [sic] Vamos... vós entrareis se Deus quiser!’ (*idem*, p.160-161, grifo do autor).

Referindo-se ainda a essa mesma época, escreve: “A bela festa de Natal chegou e Jesus não se despertou... Deixou no chão a sua **bolinha**, sem mesmo lançar sobre ela um olhar..... [sic] Meu coração estava quebrado ao ir à missa da meia-noite, contava tanto assistir atrás das grades do Carmelo!... [sic]” (*idem*, p.168, grifo nosso)¹¹.

Posteriormente, através de um evento descrito por ela, percebemos que a metáfora da pequena bola parece ter surgido no passado (anterior à ocasião da escrita), e isso talvez seja devido a este acontecimento:

¹¹ «*La belle fête de Noël arriva et Jésus ne se réveilla pas... Il laissa par terre sa petite balle, sans même jeter sur elle un regard... Mon coeur était brisé en me rendant à la messe de minuit, je comptais si bien y assister derrière les grilles du Carmel..*» (A 67v).

Depois do meio-dia da radiosa festa passada para mim nas lágrimas, fui ver as carmelitas; minha surpresa foi bem grande ao perceber quando foi aberta a grade um encantador menino Jesus, que tinha na sua mão uma bola na qual estava escrito meu nome. As carmelitas, no lugar de Jesus, pequeno demais para falar, cantaram para mim um cântico composto pela Madre querida (LISIEUX, 2011, p.169).

Pouco antes desse acontecimento, Celina lhe deu um presente semelhante, o qual tinha relação com o que Teresa estava vivendo naquele momento:

Depois de ter agradecido derramando doces lágrimas, contei a surpresa que minha Celina querida me fizera ao voltar da missa de meia-noite. Tinha encontrado no meu quarto, dentro de uma bacia encantadora, um *pequeno* navio que trazia o *pequeno* Jesus dormindo com uma *pequena* bola ao lado dele; na vela branca Celina escrevera estas palavras: ‘Durmo mas meu coração vela’ e no barco só esta palavra: ‘Abandono!’ Ah! se Jesus não falava ainda à sua pequena noiva, se sempre seus olhos divinos permaneciam fechados, pelo menos, Ele se revelava a ela por meio de almas que compreendiam todas as delicadezas do amor de seu coração.....[sic] (*idem*, p.169, grifo do autor).

O significado deste presente parece estar relacionado a esta passagem do Evangelho:

Nisto surgiu uma grande tormenta e lançava as ondas dentro da barca, de modo que ela já se enchia de água. Jesus achava-se na popa, dormindo sobre um travesseiro. Eles acordaram-no e disseram-lhe: ‘Mestre, não te importa que pereçamos?’ E ele, despertando, repreendeu o vento e disse ao mar: ‘Silêncio! Cala-te!’ E cessou o vento e seguiu-se a bonança. Ele disse-lhes: ‘Como sois medrosos! Ainda não tendes fé?’ Eles ficaram penetrados de grande temor e cochichavam entre si: ‘Quem é este, a quem até o vento e o mar obedecem?’ (Mc 4, 37-41).

Essa passagem retrata bem o sentimento de abandono, e em meio ao sofrimento, os sinais de suas irmãs confirmavam o sentimento de que Deus estava com ela, mesmo que estivesse “dormindo”.

A pequena bola, presente das irmãs, assim como a pequena flor, presente do pai, são duas metáforas utilizadas a partir de acontecimentos do passado, contados pela autora.

8.4 O pequeno pincel – Usado para os detalhes

A metáfora do pincel teria sido colhida na obra de São João da Cruz (CV, estrofe 3, v.8), segundo De Meester (2011). Através dela, é possível se ter uma ideia mais clara sobre o sentido de “ser pequena” no cotidiano, na ótica de Teresa:

Madre bem-amada, **sou um pequeno pincel** que Jesus escolheu para pintar sua imagem nas almas que vós me confiastes. Um artista não se serve só de um pincel, precisa de ao menos dois; o primeiro é o mais útil, é com ele que dá as tintas gerais, que cobre completamente a tela em pouquíssimo tempo, o outro, menor lhe serve para os detalhes (LISIEUX, 2011, p. 258, grifo nosso)¹².

Ela chama suas companheiras de noviciado de “as almas que vós me confiastes”, referindo-se a incumbência que lhe fora dada pela Madre Maria de Gonzaga, no sentido de orientar as postulantes. Adiante, Teresa relata com detalhes a prática da caridade em alguns trechos, que pode ser identificada como as “pequenas coisas” que ela procurava praticar no seu dia. No que tange a prática dessas “pequenas coisas”, ela disse:

Eis a conclusão que tiro: devo procurar na recreação, na licença, **a companhia das irmãs que me são menos agradáveis**, cumprir junto a essas almas feridas o ofício do bom samaritano. **Uma palavra, um sorriso amável, bastam muitas vezes para alegrar uma alma triste**; mas não é absolutamente para atingir essa meta que quero praticar a caridade pois sei que logo seria desencorajada: uma palavra que eu disser com a melhor intenção será talvez interpretada ao contrário (*idem*, p. 269, grifo nosso).

No manuscrito A, ela escreve resumidamente em que consistia seus esforços logo após sua tomada de hábito, onde é também possível observar que ela não era adepta de intensas penitências corporais como outros santos:

Eu me aplicava sobretudo a praticar as pequenas virtudes, não tendo facilidade de praticar as grandes, por isso **gostava de dobrar os mantos esquecidos pelas irmãs e prestar todos os pequenos serviços que podia**[...] A única pequena mortificação que eu fazia no mundo e que consistia em não apoiar as costas quando estava sentada me foi proibida por causa de minha propensão a ficar curvada [...] Aquelas que me foram concedidas sem que as pedisse **consistia em mortificar meu amor próprio**, o que me fazia um bem muito maior que as penitências corporais....[sic] (*idem*, p. 183, grifo nosso).

Alguns episódios específicos são lembrados por Teresa ao longo do manuscrito “G”, porém, em essência, o que ela procura realizar é o esquecimento de suas vontades ou incômodos, visando o bem alheio, o que implica na prática de coisas que podem passar despercebidas aos outros. Como exemplo, ela cita que havia uma religiosa com quem não tinha afinidades, para quem ela procurava sorrir sempre que via. Ela conta que a Irmã não percebia seu desafeto e um dia lhe perguntou contente:

¹² «*Ma Mère bien-aimée, je suis un petit pinceau que Jésus a choisi pour peindre son image dans les âmes que vous m'avez confiées. Un artiste ne se sert pas que d'un pinceau, il lui en faut au moins deux, le premier est le plus utile, c'est avec lui qu'il donne les teintes générales, qu'il couvre complètement la toile en très peu de temps, l'autre, plus petit, lui sert pour les détails.*» (C 20r-v).

‘Poderíeis dizer-me, Ir. Teresa do Menino Jesus, o que vos atrai tanto para mim, a cada vez que me olhais, vos vejo sorrir?’ Ah! O que me atraía, era Jesus escondido no fundo de sua alma... Jesus torna doce o que há de mais amargo... **Respondi-lhe que sorria porque estava contente em vê-la (bem entendido eu não acrescentei que era do ponto de vista espiritual)** (LISIEUX, 2011, p.249-250, grifo nosso).

Ela diz ainda que a prática dessas pequenas coisas lhe proporcionava alegria, e relata o que aconteceu quando tentou ajudar uma senhora enferma e indisposta:

De repente ouvi ao longe o som harmonioso de um instrumento musical, então me representei um salão bem iluminado, todo brilhante de dourados, moças elegantemente vestidas faziam-se mutuamente cumprimentos e gentilezas mundanas; depois meu olhar dirigiu-se para a pobre doente que eu sustentava; em vez de uma melodia eu ouvia de tempo em tempo seus gemidos queixosos, em vez de douraduras via tijolos de nosso claustro austero apenas iluminado por um fraco clarão. Não posso exprimir o que se passou na minha alma, o que sei é que o Senhor a iluminou com os raios da *verdade* que superam de tal modo o brilho tenebroso das festas da terra, que não podia acreditar em minha felicidade... (*idem*, p. 271, grifo do autor).

Ela relembra também as “pequenas humilhações” que sofreu quando as noviças, sem intenção malévola, relatavam o que não lhes agradava nela. Embora não tenha sofrido grandes humilhações, pelo fato de ser vista como uma boa religiosa. Por outro lado, metaforicamente, ela diz que sua alma se cansava com um alimento açucarado demais, para se referir aos elogios que recebia, classificando aquelas “pequenas humilhações” como “boa saladinha” (*idem*, p. 267) que lhe era servida por vezes.

Ela relata também suas dificuldades em praticar a caridade, sobretudo no início, pois os pequenos incômodos do cotidiano lhe pareciam grandes demais:

Por muito tempo durante a oração da tarde fui colocada diante de uma irmã que tinha uma mania estranha[...]tinha grande vontade de virar a cabeça e olhar a culpada que, certamente não se dava conta de seu tique, era o único meio de avisá-la; mas no fundo do meu coração **sentia que valia mais sofrer isso pelo amor de Deus e para não afligir a irmã**. Eu ficava portanto tranquila, tentava unir-me a Deus, esquecer o barulhinho... tudo era inútil, sentia o suor que me inundava e era obrigada a fazer simplesmente uma oração de sofrimento, mas **enquanto sofria, buscava o meio de fazê-lo não com irritação, mas com alegria e paz**, pelo menos no íntimo da alma (*idem*, p.272, grifo nosso).

E ainda:

Estava diante de uma irmã que me jogava água suja no rosto toda vez que levantava os lenços sobre seu banco; meu primeiro movimento foi de recuar enxugando meu rosto, a fim de mostrar à irmã que me aspergia que ela me prestaria serviço ficando tranquila, mas logo pensei que eu era bem tola de recusar tesouros que me eram dados tão generosamente e **me guardei bem de deixar aparecer meu combate**. Fiz todos os meus esforços para desejar

receber muita água suja, de maneira que no fim tinha verdadeiramente tomado gosto por esse novo gênero de aspersão (LISIEUX, 2011, p.273, grifo nosso).

Diante do que Teresa identifica como sua vocação, o amor, vemos que esses momentos corriqueiros, escritos com um toque de humor, foram sendo suportados, não a partir da modificação das situações que lhe incomodavam, mas pela forma que ela passa a considerá-los: como um sofrimento por amor a Deus e ao próximo. Sobre essas pequenas coisas, ela conclui, reconhecendo-se como uma “alma mínima”:

Madre bem-amada, vedes que sou uma *alma mínima* que não pode oferecer a Deus senão *coisas mínimas*, ainda me acontece frequentemente deixar escapar esses pequenos sacrifícios que dão tanta paz à alma; isso não me desencoraja, suporto ter um pouco menos de paz e procuro ser mais vigilante numa outra vez (*idem*, p.273, grifo do autor).

8.5 O elevador e a criança – Explicação da “pequena via”

Julgando a si mesma tão distante dos outros Santos, ela decide ser uma Santa como eles, mas parte em busca de sua própria maneira de ascender à santidade. Buscando um caminho de acesso rápido a Deus, que levasse em conta suas fragilidades, ela procura uma forma rápida e prática, denominada por ela de pequena via, “expressão que se apresenta aqui pela primeira e última vez em seus escritos” (DE MEESTER, 2011, p.230) e para tal, a metáfora que lhe ocorreu foi a do elevador:

Estamos num século de invenções, agora não é mais difícil subir os degraus de uma escada, nas casas dos ricos um elevador a substitui com vantagem. **Eu também devo encontrar um elevador** para elevar-me até Jesus, pois sou demasiado pequena para subir a rude escada da perfeição. (LISIEUX, 2011, p.230, grifo nosso)¹³.

Apesar de considera-se “pequena” para alcançar a santidade, através de suas pesquisas no evangelho ela faz citações de trechos onde Deus diz preferir os pequeninos. Concluindo que esse é o caminho mais fácil de chegar à ele ou agradá-lo, ela o elege como aquela via de fácil acesso que ela procurava:

Então procurei nos livros sagrados o indicador do elevador, objeto de meu desejo, e li estas palavras saídas da boca da Sabedoria eterna: *Se alguém for*

¹³ «*Nous sommes dans un siècle d'inventions maintenant ce n'est plus la peine de gravir les marches d'un escalier, chez les riches un ascenseur le remplace avantageusement. Moi je voudrais aussi trouver un ascenseur pour m'élever jusqu'à Jésus, car je suis trop petite pour monter le rude escalier de la perfection.*» (C 2v-3r).

PEQUENINO que venha a mim. Então eu vim, adivinhando que tinha achado o que buscava e queria saber, ó meu Deus! o que faríeis ao *pequenino* que respondesse ao vosso chamado, continuei com minhas pesquisas e eis o que encontrei: -Como uma mãe *acaricia o seu filho, assim eu vos consolarei, vos levarei sobre meu seio e vos balançarei sobre os meus joelhos!* Ah! nunca palavras mais ternas, mais melodiosas, vieram alegrar a minha alma, o elevador que deve elevar-me até o Céu, são os vossos braços, ó Jesus! Para isso eu não preciso crescer, ao contrário devo permanecer pequena e que me torne cada vez mais. (LISIEUX, 2011, p.230-231, grifo da autora).

Buscando essa maneira acessível de chegar à Deus, Teresa desenvolve sua doutrina. Enquanto ela se identifica com o pequenino do evangelho, e descobre que deve ser cada vez mais, não será a grandiosidade das suas ações que a farão ser Santa, mas “os braços de Deus”, o elevador, que a elevarão ao céu, ou à santidade.

8.6 A águia e o passarinho - A história de um ser frágil

No manuscrito “M”, Teresa utiliza outra metáfora portadora do sentido, quando diz: “Não sou uma águia”. Inicialmente, ela se compara com um passarinho, por contraste com a envergadura das obras dos santos, por ela chamados de “águias”:

Como uma alma tão imperfeita como a minha pode aspirar a possuir a plenitude do Amor?.. [sic] Ó Jesus! *meu primeiro, meu único Amigo*, tu que eu amo UNICAMENTE, diz-me que mistério é esse?...[sic] Por que não reservas essas imensas aspirações às grandes almas, às Águias que planam nas alturas?...[sic] Eu me considero como um *fraco passarinho* coberto somente com uma leve penugem, não sou uma *águia*, tenho dela simplesmente OS OLHOS e O CORAÇÃO, pois apesar de minha pequenez extrema ousou fixar o Sol Divino, o Sol do Amor e meu coração sente nele todas as aspirações da Águia... (*idem*, p. 316-317, grifo da autora)¹⁴.

Em seguida, Teresa desenvolve uma pequena narrativa em torno do passarinho, estabelecendo uma similitude entre ela e o animal:

Ó Jesus! como teu *passarinho* está feliz por ser *fraco e pequeno*, o que seria dele se fosse grande?.. [sic] Jamais teria a audácia de aparecer em tua presença, de *dormitar* diante de ti.... [sic] sim, isso é ainda uma fraqueza do passarinho quando quer fixar o Divino Sol e as nuvens o impedem de ver um só raio, sem

¹⁴ «Comment une âme aussi imparfaite que la mienne peut-elle aspirer à posséder la plénitude de l'Amour ?... O Jésus! mon premier, mon seul Ami, toi que j'aime UNIQUEMENT, dis-moi quel est ce mystère ?... Pourquoi ne réserves-tu pas ces immenses aspirations aux grandes âmes, aux Aigles qui planent dans les hauteurs?... Moi je me considère comme un faible petit oiseau couvert seulement d'un léger duvet, je ne suis pas un aigle j'en ai simplement les yeux et le coeur car malgré ma petitesse extrême j'ose fixer le Soleil Divin, le Soleil de l'Amour et mon coeur sent en lui toutes les aspirations de l'Aigle...» (B 5r).

querer seus olhinhos se fecham, sua cabecinha se esconde sob a asinha e o pobre pequeno ser adormece, crendo sempre fixar seu Astro Querido (LISIEUX, 2011, p. 318-319, grifo do autor)¹⁵.

O fraco passarinho que dormita diante de Deus, diz respeito ao que conta Teresa no Manuscrito “A”, onde ela relata dormir durante suas orações. Eis o relato, que revela sua consciência quanto à imperfeição de suas ações, mostrando também, em seguida, sua esperança na compaixão de Deus:

Deveria ficar triste por dormir (desde 7 anos) durante minhas orações e minhas ações de graças, mas não fico triste... penso que as *criancinhas* agradam tanto ao seus pais quando dormem como quando estão despertas, penso que para fazer operações, os médicos adormecem os doentes. Enfim penso que: ‘O senhor vê nossa fragilidade, que Ele se lembra que não somos senão pó’. (*idem*, p.184, grifo do autor).

Em conclusão, podemos dizer que Teresa encontra sua esperança no socorro divino. Nesse caso, ela se serve da metáfora da “Águia Divina”, no sentido de instrumento de ascensão espiritual, a exemplo do elevador: “Minha loucura consiste em suplicar às Águias meus irmãos de obter para mim o favor de voar para o Sol do amor com as próprias asas da Águia Divina” (*idem*, p. 320)¹⁶. Da mesma forma que o elevador seriam os braços de Jesus que a elevariam aos céus, a águia divina também assim o faria. Essa ideia de Teresa também pode ter sido inspirada no poema *Cântico Espiritual* de São João da Cruz, onde o poeta traz a ideia de que os nossos esforços para chegar a Deus não teriam efeito se não fosse a Águia Divina a nos ajudar a levantar o voo necessário para a realização da caridade. (ed. DE MEESTER, 2011, p. 320). Alcança também a doutrina da graça de Santo Agostinho, que considera o homem um ser pecante salvo a partir da graça divina, a exemplo dele, cuja ideia é observável desde o início do manuscrito “A”, através de uma frase, muito conhecida no Carmelo de Santa Teresa de Ávila (*idem*, p.47): “Sobre as misericórdias do Senhor”, que foi uma expressão utilizada por esta última para se referir aos seus escritos, e assim foi também a forma pela qual Teresa de Lisieux fez o relato de

¹⁵ «O Jésus! que ton petit oiseau est heureux d'être faible et petit, que deviendrait-il s'il était grand?... Jamais il n'aurait l'audace de paraître en ta présence, de sommeiller devant toi... Oui, c'est là encore une faiblesse du petit oiseau lorsqu'il veut fixer le Divin Soleil et que les nuages l'empêchent de voir un seul rayon, malgré lui ses petits yeux se ferment, sa petite tête se cache sous la petite aile et le pauvre petit être s'endort, croyant toujours fixer son Astre Chéri.» (B 5r).

¹⁶ «Ma folie consiste à supplier les Aigles mes frères, de m'obtenir la faveur de voler vers le Soleil de l'Amour avec les propres ailes de l'Aigle Divin... (Dt 32,10-11 » (B 5v).

sua vida, como uma obra de misericórdia do criador para com ela: “Aliás não vou fazer senão uma coisa: Começar o cantar o que devo repetir eternamente – ‘As misericórdias do Senhor!!!.’[sic]” (LISIEUX, 2011, p.47).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra em questão foi analisada a partir de um ponto de vista que consideramos pertinente, o que não significa que não possa haver outros a serem trabalhados. Nossas considerações foram feitas, em primeiro lugar, a partir do que foi apresentado no texto, e depois a partir dos aspectos literários que consideramos mais relevantes para o entendimento da obra.

Observamos a importância que a família da autora teve na sua vida e nas suas escolhas, tomando como base o que ela própria diz a respeito. Consequentemente, selecionamos algumas passagens partindo dessa perspectiva. Tratamos igualmente, da doutrina de Santa Teresa de Lisieux, focada na pequenez dos gestos cotidianos. Enquanto havia místicos adeptos de uma ascese rigorosa, como a prática de grandes penitências corporais, ou os que presenciavam fenômenos místicos, a pequena Teresa, ainda que na clausura, optou pela “pequena via”, que consiste na busca do divino através da vida cotidiana e da ação amorosa, onde os detalhes e a atenção às necessidades do outro, levando em conta a mortificação dos sentidos próprios, têm valor e podem, conforme os seus relatos, conduzir o fiel a se aproximar de Deus. Nesse sentido, focamos no uso de metáforas literárias que representam em imagens ideias da doutrina mística da santa.

Uma vez que nosso objeto de estudo é um texto autobiográfico, achamos pertinente partir do conceito de autobiografia, desde o início desta pesquisa. Como se trata de uma religiosa, era natural que tentássemos inseri-la na tradição literária cristã que tem Santo Agostinho como referência incontornável, quando se trata de autobiografia. Tentamos enriquecer esta história, trazendo a contribuição de Santa Teresa de Jesus, tanto por ser outro nome significativo nessa tradição, quanto pelo fato de seus escritos terem diretamente influenciado Santa Teresa de Lisieux, por pertencer a uma ordem fundada pela carmelita de Ávila de mesmo nome.

Essa breve pesquisa, suscitou nosso interesse em aprofundar a investigação acerca da santa. Além de seus outros escritos, e em especial seus poemas, uma contextualização de caráter sociológico seria bem-vinda para em que medida o meio social e as condições econômicas condicionaram as escolhas de Teresa. Também se faz interessante um estudo mais aprofundado acerca de outras doutrinas místicas, levando em conta a presença notável da linguagem literária nesse tipo de escrito. Como exemplo de possíveis pesquisas nesse sentido, teríamos os próprios autores citados em nosso estudo: Santo Agostinho, Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz, que também foram autores de doutrinas. Além

disso, uma artista francesa contemporânea de Teresa de Lisieux que também tornou-se Carmelita e Santa, e teve acesso aos manuscritos de Teresa, Elisabete da Trindade (*Élizabeth de la Trinité*), também foi autora de escritos, os quais podem proporcionar uma investigação literária no mesmo sentido. Avançar nessas pesquisas pode ser um dos caminhos futuros que gostaríamos de trilhar, com a ajuda, se possível, de nossa querida Santa Teresa de Lisieux!

REFERÊNCIAS

BIBLIA. A.T. Cânticos dos cânticos. Português. Bíblia Sagrada. Centro bíblico católico. 107ª edição. São Paulo: Ave-Maria, 1997. Cap. 2, vers. 2.

BIBLIA. N.T. Marcos. Português. Bíblia Sagrada. Centro bíblico católico. 107ª edição. São Paulo: Ave-Maria, 1997. Cap. 4, vers. 37-41.

BIBLIA. N.T. Mateus. Português. Bíblia Sagrada. Centro bíblico católico. 107ª edição. São Paulo: Ave-Maria, 1997. Cap. 6, vers. 28.

PASCAL, Blaise. *Pensées*, Paris, 1897. Disponível em: http://www.samizdat.qc.ca/arts/lit/Pascal/Pensees_brunschvicg.pdf. Acesso em: 01.06.2017

LEJEUNE, Philippe (1975). 'Le pacte'. In: *Le pacte autobiographique*. Cap. 1. pp. 13-46. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/343711082/le-pacte-autobiographique-pdf>. Acesso em: 14.06.2017

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12ª edição. São Paulo: Cultrix, 2004. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/massaud-moisés-dicionário-de-termos-literários.html>. Acesso em: 08.04.17

HERVOT, Brigitte Monique. 'Georges Gusdorf e a autobiografia'. *Lettres Francaises*, v. 14, n. 1, p. 95-110, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/126750>. Acesso em: 08.04.17

SANTO AGOSTINHO, *Confissões*. Tradução por Maria Luiza Jardim Amarante. Revisão cotejada de acordo com o texto latino por Antonio Silveira Mendonça. 12ª ed., São Paulo: Paulus, 1984.

SÃO JOÃO DA CRUZ. 'Noite escura'. In: *Obras de São João da Cruz*. Editora Vozes limitada: Rio de Janeiro, vol. 1, p. 289-406, 1960. Disponível em: <https://onedrive.live.com/?authkey=%21AJu7feeF3-NpYLo&cid=C66F182E3FF9E7AA&id=C66F182E3FF9E7AA%211106&parId=C66F182E3FF9E7AA%211111&o=OneUp>. Acesso em: 14.04.17

SCIADINI Patrício. *São João da Cruz*. Loyola: São Paulo, 1991. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Xy-6OjuzDtwC&oi=fnd&pg=PA5&dq=s%C3%A3o+jo%C3%A3o+da+cruz&ots=33dxFkI0aU&sig=b7F6VRtS0g2LKmkLKWWhup30h18#v=onepage&q=s%C3%A3o%20jo%C3%A3o%20da%20cruz&f=false>. Acesso em: 23.03.17

TERESA DE LISIEUX. *História de uma alma*. Tradução por Jaime A. Clasen. Nova edição crítica por Conrad de Meester. 4ª ed., São Paulo: Paulinas, 2011.

TERESA DE JESUS, 'Livro da Vida'. In: *Obras Completas*. [Frei Patricio Sciadini (coord.), texto estabelecido pelo Frei Tomás ALVAREZ], Carmelitana/Loyola: São Paulo, 2002. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=lfax9aivfusC&pg=PA16&lpg=PA16&dq=teres+a+de+avila+vida+e+obra&source=bl&ots=EfOYZPvAd-&sig=EHSz-nuqY6DUxD_q4ouGnYYhtOA&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwja6fTZ3ujSAhXBH5AKHcfLDys4FBDoAQg1MAk#v=onepage&q=agostinho&f=false>. Acesso em: 22.03.17

THÉRÈSE DE L'ENFANT JÉSUS, STE. *Histoire d'une Ame*. D'après les manuscrits originaux. 1895. Disponível em: <<http://livres-mystiques.com/partieTEXTES/Lisieux/Histoire/table.html>>. Acesso em: 04.06.17

THÉRÈSE DE L'ENFANT JÉSUS, STE. *La vocation de l'amour*. D'après les manuscrits originaux. 1896. Disponível em: <<http://livres-mystiques.com/partieTEXTES/Lisieux/Histoire/table.html>>. Acesso em: 04.06.17

THÉRÈSE DE L'ENFANT JÉSUS, STE. *La miséricorde, l'ascenceur divin*. D'après les manuscrits originaux. 1897. Disponível em: <<http://livres-mystiques.com/partieTEXTES/Lisieux/Histoire/table.html>>. Acesso em: 04.06.17